

ORGS. LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
MARIA CLARA NICOLAU VIEIRA

CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO

Luciano Victor Barros Maluly

Maria Clara Nicolau Vieira

(Organizadores)

Caderno de Jornalismo Esportivo

1ª edição

São Paulo

ECA – USP

2015

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C122m Caderno de jornalismo esportivo / Luciano Victor Barros Maluly, Maria Clara
Nicolau Vieira (Orgs.) – São Paulo: ECA-USP, 2015.
72 p.

ISBN 978-85-7205-140-8

1. Jornalismo esportivo I. Maluly, Luciano Victor Barros
II. Vieira, Maria Clara Nicolau

CDD 21.ed. – 070.449796

Em tempo – se não servir para mais nada, o texto terá ao menos me permitido desabafar.

(Francisco Bicudo)

SUMÁRIO

(7) INTRODUÇÃO

(9) Começam as férias

Alexandre G. Sorensen

(10) Uma rotina de férias nada monótona

Cesar Isoldi

(12) Frio na barriga

Eduardo Cesar Guindalini

(14) Do auge à dor

Felipe Moreira Borges Nascimento Fabbrini

(15) Uma bola mais duas crianças, igual a uma boa bagunça

Franciele Aguiar Neves

(17) O melhor goleiro do Brasil

Frederico Gabre

(19) País do handebol

Gabriela Zuccolotto Soriano

(20) O jeitinho brasileiro nem sempre é a melhor pedida

Giovana Grizoto

(23) E por falar em reminiscências, alguém se lembra do alambrado?!

Haline Floriano

(25) Um sentimento inexplicável

João Henrique Pereira da Silva

(27) Pela primeira vez

José Adrián Hernández Ruiz

(29) Dia de atleta

Juliana Fontoura

(31) Pequena epopeia sobre rodas

Lucas Paiva Delgado

(33) Uma tarde fora do comum

Marcos Paulo F. Nascimento

(34) Quando você encontra o seu ídolo

Vitor Gentini

(36) Segundo jogo

Vitor Ho

(37) FUTEBOL

(39) Primeira Vitória

Eduardo Oyadomari

(41) Interior Alvinegro

Guilherme de Oliveira Sousa

(42) A nova casa

Leonardo Turtera Masironi

(43) Onde surgem os heróis

Matheus Sérgio C. de Aquino

(44) Clima de Libertadores

Pedro Pimentel de Vassimon

(46) Sobre o terceiro andar e segundos que duram anos

Rafael Oliveira

(50) Vencida pelo 1 a 1

Sophia de Oliveira

(51) Meu 7 a 1

Thiago Hideki Enomoto Nakasawa

(52) O craque imaginário

Victor Mantovani Cinesi

(54) ESPORTE UNIVERSITÁRIO

(55) No Esforço

Alexandre Amaral

(56) Meia-maratonista de primeira e última viagem

Danilo Maciel de Barros

(58) O vice da Fúria

Guilherme Parra Magri

(60) Primeira vez em águas abertas

Karina Cucolo Monteiro

(62) Um dia de ouro

Leticia Santos

(64) Entre touros e mamutes

Mariana Gomes

(66) Em busca do sonho dourado

Sidnei de Souza

(68) Primeiros passos

Wagner Yoshihiro Higuchi

(69) Domingo de lutas

Yves Kenzo Minei

(70) REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

As lembranças de uma competição no Colégio ou mesmo de uma partida do clube do coração são algumas das histórias contadas pelos alunos da turma da disciplina de *CJE 0634 – Jornalismo Esportivo: A pauta além do Futebol*, que é oferecida no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

A crônica é o primeiro exercício destinado ao aprendizado dos princípios e das técnicas do jornalismo esportivo. Afinal, é legal trabalhar com a memória. Das recordações, surgem as ideias, ou melhor, as pautas que guiarão o texto.

Uma diferença marcou o trabalho de 2015: *a mensagem*. Cada um pensaria numa lição de vida, em como o seu registro poderia auxiliar as pessoas, por meio do espírito olímpico.

Valores como a amizade, o respeito, a excelência, o jogo limpo, o trabalho em equipe, o talento, entre outros, seriam demonstrados pela história em que o protagonista é o próprio autor.

A tentativa foi a de pensar o esporte para além da competição, como um meio que integra o cotidiano. Assim, cada autor expressou, de sua maneira, um fato, assim como os cronistas consagrados, como Armando Nogueira, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Francisco Bicudo e tantos outros ícones.

Os textos a seguir foram editados, com muito carinho por Maria Clara Nicolau Vieira, bolsista PAE e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e também pelo Professor Luciano Victor Barros Maluly, responsável pela disciplina. Além disso, o trabalho teve a colaboração do jornalista, e também aluno, Fernando Molina, como ilustrador e editor da obra.

Três temas predominaram entre os autores – a infância, o futebol e o esporte universitário. Uma relação entre a memória, a tradição e o presente.

Boa leitura!

Infância

Começam as férias

Alexandre G. Sorensen

Naquele dia não houve pressa para o futebol de todas as manhãs. O velho jogo de gol a gol no quintal não teve a regra de vira a cinco e acaba a dez, mas sim a regra que o tornou uma espetacular partida de vira a 25 e acaba a 50. Dois garotos, um de não mais que nove anos e outro de não mais que dez, uma bola de capotão (possivelmente a bola número quatrocentos e vinte e três, depois de aproximadas quatrocentos e vinte e duas antecessoras tragicamente espetadas nas lanças do portão), um quintal com um leve aclave e um muro e duas pilastras marcando as metas. O único objetivo: fazer os 50 gols antes que seu irmão o fizesse.

Jogo disputado no Estádio Mata Redonda, muitos chutes de longe, muitos dribles fenomenais, uns gols bonitos, outros lamentavelmente feios. Quem chega primeiro aos 25 gols comemora como se acabasse de vencer o jogo de ida da final do campeonato com o estádio inteiro assistindo a proeza alcançada. Ao perdedor deste primeiro turno, só resta a raiva e a vontade de virar o resultado final na segunda etapa.

Recomeça o jogo. Nervosismo e seriedade no ar. Cada gol sofrido é uma agonia. Cada gol feito, um alívio. O Alexandre F.C. e o Willian F.C. chegam a uma final eletrizante com um empate, 49x49. Quem fizer o último gol ganha. Bola chutada, todo o coração naqueles pés descalços. Ela voa e... Espalma o goleiro!

Quem atacava parte para a defensiva, vem uma bomba por aí. Um chute muito sonoro que resvala na trave e vai pra fora. Bola no meio da rua, quem chutou tem que ir buscar. Pula o muro num movimento ágil, corre até a bola, lança ela de volta e pula o muro novamente. Recomeça o jogo, recomeça a tensão. Um último chute, rasteiro, forte, indefensável. Temos um campeão nessa partida! Nesta hora a comemoração é vibrante, com direito a aviãozinho e gritos de campeão, mas dura por menos tempo. Todo este futebol de altíssimo nível deixou os craques mortos de fome e eles têm que ir almoçar um belo pastel de feira acompanhado de caldo de cana para repor as energias.

Durante o almoço, os craques já estão confabulando sobre os planos para a tarde. Um jogo de polícia e ladrão sobre bicicletas com os vizinhos da rua parece uma ótima ideia!

Uma rotina de férias nada monótona

Cesar Isoldi

Era sempre a mesma coisa. Depois de um dia longo brincando na praia, fazendo castelos e mergulhando no mar, imaginando que éramos reis, super-heróis e, por que não, vilões das nossas histórias, íamos todos, cada um para sua casa, tomar banho e comer. Renovar as energias para podermos encarar o desafio de todo fim de tarde das sempre esperadas férias de verão que passávamos na Praia Grande.

Jogávamos queimada. Passávamos horas ali na areia tentando acertar a bola nos outros e tentando fugir delas quando vinham do outro lado. Nós nos conhecíamos desde pequenos. Nossas mães se conheceram enquanto brincavam com seus primogênitos naquela mesma praia. Eu e Douglas, que viemos depois, acabamos amigos da mesma forma que nossos irmãos, Vitor e Arthur, também eram.

Na hora da queimada brincávamos todos juntos. Nós quatro e os amigos de cada dupla. Era um dos poucos momentos do dia em que parecia não haver diferença de idade na tal turma da praia, que foi crescendo e diminuindo ao longo dos anos, embora nós quatro sempre estivéssemos juntos.

Dentro da quadra, se fôssemos acertados, não havia tempo para lamentar. Se não corresse para o cemitério tentar reverter a derrota momentânea, o time todo ia perder. E a graça da queimada era que ninguém, por melhor que fosse, podia desviar de todas as bolas para sempre e vencer sozinho.

Eu me lembro de que, quando era muito novinho, gostava de me esconder atrás dos maiores, a fim de evitar ser pego. Aos poucos, fui me encorajando a enfrentar os outros também. Qual era o problema de perder o jogo se, depois de algumas horas, no dia seguinte, estaríamos todos ali de novo, novamente em pé de igualdade, e defendendo equipes diferentes?

“Não pode jogar forte”, lembravam nossos pais, que sempre ficavam ali sentados no calçadão nos assistindo. Ou melhor, eles gostavam mesmo é de ficar ali conversando, dando algumas

espiadas de vez em quando para ver se tudo corria bem. Isso quando eles mesmos não resolviam entrar para jogar também.

Também não era incomum que outros garotinhos, inicialmente tímidos, se colocassem ali ao redor das nossas linhas, como se não quisessem nada, apenas olhando. Mas bastava que alguém dissesse “quer jogar?” e eles se levantavam de um salto, prontos para entrar em um dos times.

Cansados, depois de muita correria e diversão, lá íamos nós de volta para casa. Sabíamos que não tardaria para voltarmos ali. E repetimos essa cena por muitas e muitas férias, antes que a outra rotina (a dos estudos e dos trabalhos) acabasse nos engolindo.

Frio na barriga

Eduardo Cesar Guindalini

Frio. Palavra que define situações abaixo da sua temperatura corpórea. Barriga. Parte do corpo externa do abdômen. Esse sentimento, de frio na barriga, resume todo nervosismo, expectativa e ansiedade antes de algum fato esperado ocorrer, aquela sensação antes de descer a brusca queda da montanha russa, ou antes de jogar uma final de Copa do Mundo.

Não falaremos da final da Copa do Mundo em si, mas de uma competição de mesma importância para mim: o campeonato da minha escola. Estudei no colégio Agostiniano Mendel durante 14 anos, onde vivi diferentes momentos e sentimentos.

No colegial havia um campeonato de futsal, que funcionava da seguinte forma: após a inscrição dos times, haveria uma divisão em dois grupos encabeçados pelos times mais fortes e, com isso, todas as equipes do mesmo grupo se enfrentavam. Assim, restavam os quatro melhores de cada grupo e começava a fase “mata-mata”; onde o 1º colocado de um grupo enfrentava o 4º do outro grupo; o 2º colocado de um enfrentava o 3º de outro, e os vencedores se enfrentavam para as semifinais e, seguindo a lógica, haveria a aguardada final.

No primeiro ano, dificilmente um atleta conseguiria jogar em um bom time, ainda mais sendo um atleta de qualidade razoável como a minha. Logo, joguei em um time médio, que acabou por não se classificar entre os quatro melhores. O campeonato daquele ano foi vencido pelo time “Incríveis”.

No meu segundo ano, com um time um pouco melhor, o amado “Unidos do Bolsa Família”, terminamos em 3º lugar. Um terceiro lugar muito amargo para mim, pois na semifinal, onde fomos eliminados contra o atual campeão “Incríveis”, estive suspenso, visto que tinha sido expulso no jogo anterior ao realizar uma falta sendo último homem. Ao fim, o “Incríveis” ficou em 2º lugar, perdendo uma final histórica para o “Real Madruga”.

2013. Meu terceiro ano do colégio. O campeonato prometia ser mais emocionante, visto que éramos um “cabeça de chave” e o outro, o nosso carrasco, “Incríveis”. Meu time manteve o artilheiro do ano anterior, Felipe, o líder de assistências, Rod e bancou o questionado goleiro

Enrico. Além disso, contratou reservas aptos para substituir qualquer jogador do time titular, Enrico – Gabriel – Eu – Rod – Felipe. Na fase de grupos, íamos extremamente bem, com grandes goleadas contra times tecnicamente mais fracos, com gols principalmente de Felipe. Tínhamos um jogo contra um time que estava abaixo de nós na tabela, e não apresentava um futebol tão bonito quanto o nosso, resultado: vitória deles. A nossa equipe, por ser totalmente favorita, entrou achando que seria de extrema facilidade e acabou por perder o jogo, o que dificultou um pouco nossa classificação em primeiro lugar.

Seguimos sem grandes dificuldades pela fase mata-mata até a final. A final seria contra o carrasco, o temido, “Incríveis”. Éramos vistos com desconfiança porque perdemos um jogo. Já o “Incríveis”, tinha um invejável aproveitamento, com 100% de vitórias.

Frio na barriga: o sentimento que não senti no jogo em que perdemos, ao achar que a vitória viria de forma fácil. Porém, a final reservava um Alasca inteiro para minha barriga, o que pode ser visto de forma positiva, resultado de uma grande concentração para o esperado clássico. Jogamos de forma brilhante: 4x0, 4 a 0, quatro a zero, com direito a um “hat-trick” de Felipe. O chamado entrar de salto alto, que já havia nos prejudicados, acabou por nos ensinar a respeitar qualquer adversário e entrar com máxima concentração. Acabamos por repassar essa lição de uma forma incrível.

Do auge à dor

Felipe Moreira Borges Nascimento Fabbrini

Era dezembro de 2006 e eu mal havia completado 12 anos de idade quando embarquei para Buenos Aires juntamente com a equipe de basquete do colégio Santo Américo. Seria disputada uma série de amistosos e pequenos torneios internacionais na sede do modesto clube Pinoco e na pacata Chivilcoy, cidade de cerca de 60 mil habitantes.

Credenciada pelo bom desempenho na campanha do vice-campeonato da Liga Escolar de Basquete, nossa equipe logo mostrou a que veio vencendo os três primeiros jogos com propriedade. Jogando nas posições de armador e ala-armador, obtive atuações de destaque, alcancei a marca de treze pontos por jogo e vivenciei um dos momentos mais especiais de minha curta carreira como atleta. O bom momento, entretanto, durou apenas quatro dias.

Durante o segundo tempo da quarta partida, após roubar a bola e disparar para a cesta adversária, fui atropelado pelo defensor argentino, igualmente veloz e frenético em sua tentativa de impedir os pontos. Logo que fiz menção de me levantar, pude sentir o impacto do meu braço direito quebrado. Dor física que rapidamente se transformou em angústia, por perder a oportunidade de disputar as dez partidas seguintes, e medo, por ter de enfrentar um momento difícil em terras desconhecidas longe de minha família.

Optei por seguir com meus companheiros de time até o fim dos torneios, decisão que se revelou correta apesar das dores e do abatimento por não poder entrar em quadra. Minha ausência nos treinos e jogos permitiu que eu me familiarizasse com a interessantíssima Chivilcoy, na província de Buenos Aires. A excursão pode não ter ocorrido da maneira como foi planejada, mas a experiência de lidar com uma grande frustração em condições adversas foi primordial para o meu crescimento como pessoa e como atleta.

Uma bola mais duas crianças, igual a uma boa bagunça

Franciele Aguiar Neves

Quando éramos crianças, eu e meu irmão mais novo brigávamos feito cão e gato, coisa de irmãos mesmo. Não que não brigemos mais hoje, mas a distância ajuda a diminuir a frequência e o nível (como eu agradeço por ele não mais sentar e pular na minha barriga – e eu ter entrado na faculdade!). Mas se tinha uma hora que era paz garantida, era quando jogávamos bola no quintal da casa – quer dizer, paz entre a gente, porque acho difícil que os vizinhos gostassem de ter bolas caindo nos seus quintais quase toda semana.

Acordávamos cedo, mal engolíamos o café da manhã, e logo estávamos na frente da TV, ou, quando enjoados de desenhos (algo estranhamente comum), íamos para o quintal. Em geral era cada um de um lado e ficávamos tentando fazer gol no outro. Básico, mas nos entretinha por horas, e só parávamos para ir pra escola.

No começo, era claro que eu iria fazer mais gols, pois tinha melhor coordenação motora e rapidamente aprendi os padrões de defesa dele, que não eram muito difíceis, já que ele ainda era muito pequeno. Mas, com o tempo, ele também foi aprendendo, e crescendo, e melhorando, e quando vi já estávamos empatando, e eu nem percebi quando ele começou a ganhar de mim. Deve ter sido perto da época em que as bolas começavam a cair cada vez mais no vizinho. É, bem por aí.

Em dias mais animados, ainda voltávamos da escola com energia para mais alguns chutes, mas era de fim de semana que os torneios começavam – e terminavam, lógico. Às vezes, até arriscávamos treinar alguns dribles, que no começo se reduziam a eu machucando o meu irmão, para virarem depois o meu irmão me machucando, o que era compreensível, dada a altura a que ele chegou em pouco tempo. A bola, no geral, era aquela de plástico que vendia na esquina por R\$ 5, já que acabávamos sempre perdendo mesmo. Mas vez ou outra meus pais insistiam em nos dar uma bola mais cara, que se perdia ainda mais rápido. Alguns vizinhos mais legais ainda devolviam as bolas; já outros, uma vez no quintal deles, era mais fácil pedir mais R\$ 5 para comprar outra.

Quando rolava um intervalo ou estávamos cansados de tanto jogar, contávamos com mamãe para garantir aquele bolo de chocolate ou cenoura e um bom copo de leite com chocolate. Mas sabíamos que sempre que tivéssemos vontade, a nossa bola estaria de baixo da mesa. Ou não, mas enfim.

O melhor goleiro do Brasil

Frederico Gabre

Domingo, 9 de novembro de 2003, quatro horas da tarde. Apesar do dia ensolarado, a recepção aos visitantes na Arena da Baixada não tinha muito de calorosa. Na realidade, a famosa frieza curitibana seguia impassível, enquanto a torcida do São Paulo se direcionava a um canto de vista desprivilegiada e espremido do estádio.

O tricolor tinha como destaques Ceni, Lugano, Tardelli, Souza, Simplício e Luis Fabiano. Quanto ao rubro-negro: pouco importa. Importava, para mim, era ver jogar Rogério Ceni. Atrás do seu gol estava eu, somando-me a algumas dezenas de torcedores do time paulistano, quando apitou o árbitro. Logo nesse primeiro tempo pude ver, a poucos metros de distância, dois gols passarem. Primeiro um balde de água fria. Pênalti aos 37 minutos e não deu para o camisa um. Aos 45, escanteio, desvio na zaga. Segundo gol e último lance antes do intervalo.

Os quinze minutos passaram-se lentamente e o jogo voltou. Mais cinco minutos decorridos e um gol que demorei para entender. Já estava três a zero. Devo confessar que era um placar não muito condizente com a ideia do meu aniversário estar prestes a chegar. O tempo, no entanto, nem foi suficiente para esse pensamento ganhar força. Isso porque, um minuto depois, outro pênalti saía. Gol. Luis Fabiano, enquanto colocava a bola no canto oposto ao qual se jogava o goleiro, deu voz àquela manchinha branca, vermelha e preta atrás desse mesmo gol. Os gritos, batiques e cantos da Independente voltavam a ganhar espaço no estádio Joaquim Américo Guimarães.

Se me contassem isso de antemão, eu desconfiaria, mas a verdade é que mais dois gols saíram, um seguido pelo outro, para o São Paulo. Lugano de cabeça e Tardelli, correndo junto a linha de fundo, com um belo chute colocado. Quem diria! Tudo igual de repente, o que parecia impossível alguns minutos antes. Foi tão impressionante, que, acredite se quiser, outro gol saiu. Adivinhou? Atlético quatro, São Paulo três. Nem por isso eu estava reclamando. Em vez de triste, sentia-me satisfeito. O São Paulo seguia em terceiro na tabela, enquanto o time paranaense subia apenas para décimo quinto com aquele resultado e eu nem sabia disso.

A torcida que me acolhia não deixou de cantar nem um instante sequer: “Rogério Ceni, melhor goleiro do Brasil!”. Para ser bem sincero, era esse o principal motivo de eu estar feliz. Posso dizer que vi o tal melhor goleiro do Brasil, que tanto queria ver, ser vazado em quatro gols e a torcida continuar ao seu lado. Tudo na mesma partida. Pois é, percebi que ninguém pode ser imbatível sempre. Pelo menos é assim que eu, na época um menino que comemorava seu aniversário e seguia entusiasmado com futebol, me lembro das coisas.

País do handebol

Gabriela Zuccolotto Soriano

O dia começou bem. Era uma segunda-feira de sol. Primeiro dia de aula do ano letivo de 2006. Aquela expectativa de rever os amigos, contar os acontecimentos das férias e, o melhor, poder bater uma bola com eles. Às vezes, jogávamos vôlei ou basquete para aquecer, mas o prato principal era sempre o futsal, seja no intervalo das aulas, na Educação Física ou na escolinha de esportes.

Mas aquele dia foi diferente. Nos foi apresentado o novo professor, e o mais surpreendente, ele não ia dar aula de futsal (até então única atividade extracurricular da escola). Ele ia dar aula de handebol. Caras estranhas rolaram depois que a novidade foi contada. Mas também foi despertado o interesse pela modalidade.

Um dia se passou e aconteceu o primeiro treino. Até que tinha uma boa quantidade de pessoas para o primeiro dia. As semanas foram passando e as aulas de handebol ganharam mais alunos do que as de futsal. O professor foi o grande protagonista desse episódio. Tão apaixonado pela modalidade e pela arte de ensinar e educar, que fez com que nós, alunos, nos apaixonássemos também. Foram treinos, campeonatos, torneios, dias de semana e finais de semana cheios de handebol.

Desde então pratico o esporte, acompanho, torço pela nossa seleção e dissemino minha paixão por ele. Hoje, não consigo ficar sem jogar e por isso amo representar o IME. Espero que um dia o Brasil tenha uma cultura esportiva bem consolidada para que os jovens tenham oportunidade de conhecer outros esportes além do futebol e tenham acesso para praticá-los, tanto em baixo quanto em alto nível.

Talvez não era e nem seja falta de interesse dos jovens por outros esportes, mas falta de incentivo e apoio esportivo em outras modalidades tão brilhantes quanto os famosos futebol e futsal. Será que somos mesmo o país do futebol?

O jeitinho brasileiro nem sempre é a melhor pedida.

Giovana Grizoto

Era uma linda e ensolarada sexta-feira. Semana de doze de outubro. Anualmente, meu colégio fazia uma gincana com todos os alunos neste período de tempo, dividindo-os em duas equipes: *Brazilian Team* e *US Team*. Era um momento de descontração, interação, diversão, rivalidade e esporte esperado por todos da escola durante o ano.

Naquela sexta, estávamos no aguardo das competições finais e do anúncio da equipe vencedora; todas as provas haviam sido bastante equilibradas; um time ganhava uma, o outro ganhava a outra e as derrotas eram sempre por pouquíssima diferença também. Conclusão: quem se desse melhor naquele dia quatorze é que levaria o troféu de campeão do ano.

As competições esportivas sempre ficavam para o último dia, quando eram disputados esportes como futebol, handebol, voleibol e basquete, os quais eram treinados durante o período letivo nas aulas de Educação Física. Nos outros dias, havia disputas que envolviam o intelecto, como “torta na cara”, “localize no mapa”, “*mindlab*” etc. E, convenhamos, eram nessas que eu mais obtinha sucesso.

Nunca fui tão boa em esportes ensinados na escola, mas sempre “enganei”, como dizem por aí. Entretanto, meu calcanhar de Aquiles sempre foi o vôlei. Toda vez que me colocavam em quadra, passava vergonha... Não sabia recepcionar, passar e nem ao menos ter um saque minimamente eficiente. Era horrível a pressão que sentia quando tinha que jogar um esporte que eu adorava assistir e acompanhar, mas que não tinha o menor dom para jogar.

Ah! Esqueci de pontuar uma coisa: o colégio só permitia que jogassem as competições esportivas os alunos que possuíssem bom rendimento no bimestre; era um método de estimular os discentes a estudar. Se isso era bom? Talvez para os outros, não para mim. Não é para me gabar não, mas sempre fui destaque da sala de aula, com boas notas, bastante presença e participação. Sempre fui vista como a *nerd* da sala.

Pois bem, eu pertencia ao *Brazilian Team*, time guerreiro, liderado pelo Thiago, aluno do terceiro ano. Menino aguerrido, com sede de vitória, que sempre disse que seria capaz de tudo

para que nossa equipe vencesse. E quando eu digo “capaz de tudo”, é tudo mesmo. Thiago tentou burlar o sistema da escola. Escalou para o jogo, alunos bons nos esportes, mas não tão eficientes nas notas, pensando que os diretores não iriam perceber e que, deste modo, o time ganharia com louvor do *US*. Fui contra desde o princípio, argumentei, falei, expliquei, mas não fui ouvida.

O início do plano funcionou. *Brazilian Team* começou ganhando, entretanto, nossos oponentes não eram nada fracos, conseguiram empatar. O jogo de vôlei misto do Ensino Médio estava empatado em 2x2. Iniciou-se o *set* de desempate. Ah, não! Não iniciou! Segundos antes do primeiro saque entra a diretora, dona Maria Helena, irritadíssima; sim, ela havia descoberto o plano do Thiago. Não deu tempo de argumentarmos nada. A velhinha, estressada, pisou na quadra e disse:

-- Ou vocês tiram o Vinícius e o Paulo do jogo agora e substituem por alguém que esteja apto a jogar, ou o *Brazilian Team* vai perder por W.O.!

Foi um frio na barriga terrível, medo e insegurança. Estava lá eu, sentadinha na torcida, torcendo para ter uma capa da invisibilidade e não ser vista pelo capitão da equipe. Pensamento falho. Em menos de dez segundos os olhos de Thiago voltaram-se para mim. Tive de entrar em quadra. Eu apenas pensava: “que não saquem em mim! Que não toquem para mim! Que essa bola passe longe! Amém!”.

É, não adiantou. As pessoas me viram entrando em quadra insegura, amedrontada e pressionada pela enorme responsabilidade que estava carregando. Todas as bolas vinham para mim, absolutamente todas. E eu não conseguia defender nenhuma.

O *US* foi abrindo vantagem, abrindo vantagem e nosso time não rodava... Até que, por fim e, inacreditavelmente, consegui recepcionar uma bola; foi uma satisfação de milésimos de segundos, pois assim que a toquei para o Guilherme, o árbitro apitou e sinalizou:

-- Ponto do *US*! Foi condução! Condução!

Nessa hora desisti do mundo, desisti da vida, passei a sair de todas as bolas e comecei a desejar ser um avestruz para enfiar a cabeça em algum buraco e sumir dali. Conclusão: em

menos de dez minutos o *Brazilian Team* perdeu o *set* de desempate e passou por um grande vexame. Era mais digno e menos vexaminoso ter perdido por W.O.

Moral da história: Vença por méritos próprios! Se você acha que seu time não é tão bom, treine-o, mas não trapaceie! As consequências podem ser bem piores. Ah! E só para constar: no final das contas, vencemos a gincana pelo placar geral, a honestidade foi recompensada nas outras competições.

E por falar em reminiscências, alguém se lembra do alambrado?!

Haline Floriano

Hoje os domingos já não são tão singulares como eram na infância. Apenas restam reminiscências daqueles dias cheios de gente, risos, festa, peladas no campinho na casa dos avós e apostas para o clássico paulista de domingo à tarde. Os domingos pareciam iguais, mas cada um trouxe um gesto singelo, de quando as crianças, hoje já adultas, discutiam sobre futebol, sem nem saber direito sobre as regras, fingindo entender o tão polêmico impedimento. Foram jogos, campeonatos e finais vibrantes discutidas e acompanhadas assiduamente naquele antigo sofá preto, que já estava com marcas das unhas dos gatos da casa da família Floriano.

Em um domingo atípico, quando quase todos resolveram visitar alguns parentes, eis que o relógio, relíquia da casa, herança do pai e avô, soava quatro vezes. Era hora de sentar e torcer. Naquele dia, a torcida seria pequena, um a um (seria dois a um, porém, o tio, corintiano fanático, estava bastante doente e debilitado), assim, era uma palmeirense ao lado de uma corintiana. Eu e Cris. Duas primas.

Lembro-me bem daquele dia, embora já tenha se passado seis anos. Era o campeonato Paulista de 2009, que, naquele ano, contava com o ex-jogador da Seleção Brasileira, Ronaldo. Era a volta do R9; agora no Corinthians. A nossa vibração vinha com cada defesa; e quantas defesas! Eu explodia com o quase gol, enquanto minha prima vibrava com as defesas do goleiro Felipe. O jogo estava quente, tal como era a temperatura naquele jogo em Presidente Prudente. Até que o eterno Luciano do Valle narra Diego Souza abrindo o placar para o Palmeiras. “GOOOOOOOOOOOLLLLLL! Dá-lhe porco!”. A emoção de sair na frente em um clássico é ainda melhor quando se está acompanhando com alguém; foi isso que aprendi naquela tarde.

Em meio a conversas e lanches, continuamos atentas à partida. E, quando eu já contava com a vitória, eis que, aos 47 minutos do segundo tempo, Ronaldo empata. Alambrado cai na comemoração; era o gol que não dava simplesmente o empate, mas também dava confiança para quem esteve há mais de um ano parado, devido suas lesões. Aquele foi o gol da volta, o gol do empate, o gol do Corinthians, o gol das reminiscências.

Foi quando senti e entendi o gosto da derrota vestida de empate. Um gol tão significativo para a “pessoa Ronaldo”, e um momento único de se acompanhar. O jogo terminou; minha prima e eu fomos embora. Mal sabíamos que dificilmente teríamos outra oportunidade de acompanhar um clássico juntas. Foi uma partida que não poderia terminar com outro placar. Uns lembrar-se-ão somente do alambrado, símbolo da euforia do R9; outros, que era para o Palmeiras ter vencido. Mas, na realidade, para mim, era o empate dentro de campo e um momento que ganhamos para recordar, porque algum dia o futebol nos uniu, embora dentro da barreira da rivalidade paulista.

Um sentimento inexplicável

João Henrique Pereira da Silva

Tudo começou com um convite inesperado vindo do meu tio: eu teria a chance de ir ao estádio do Morumbi pela segunda vez na vida, e o mais importante era nessa oportunidade meu time poderia ser campeão brasileiro de 2006. Depois de alguns dias e uma espera interminável, finalmente o grande dia chegou! Camisa do São Paulo colocada, e lá vamos eu, meu tio e minha tia para o estádio.

A chegada ao estádio foi a primeira grande emoção de muitas que viriam nesse inesquecível dia, como andar ao lado de tantos torcedores compartilhando do mesmo sentimento que eu possuía por aquele time, e se admirar ao ver uma multidão tricolor em todas as arquibancadas – esses são dois momentos que não saem da minha memória. Após muitas emoções, o jogo começa. Eu não sabia como manter meu coração dentro de mim, de tão forte e rápido que ele batia. A energia e os cantos que vinham da torcida aceleravam ainda mais cada batimento.

Dos momentos do jogo, dois foram os mais marcantes. O primeiro deles foi quando, ao longe, em um ataque do São Paulo, um jogador (que não consigo lembrar o nome) fez aquele estádio, que parecia pequeno para tanta gente, explodir em alegria e comemoração. Eu não sabia como reagir. Cada parte do meu corpo saiu pulando e gritando descontroladamente, sem parar.

O segundo momento não foi de uma emoção tão forte, mas me deu o prazer de ver meu grande ídolo como de infância em ação, durante uma cobrança de falta adversária. Na minha visão, atrás do gol, a bola parecia ter destino certo para as redes. Mas faltando menos de alguns centímetros para a bola entrar, surgiu aquele que até hoje considero o maior jogador de todos os tempos do São Paulo: o Rogério Ceni. Ele apareceu e impediu o gol, causando o meu maior sorriso até então.

O Atlético-PR conseguiu empatar no segundo tempo, o que levou o estádio todo a ficar apreensivo. O título antecipado dependeria do jogo do Internacional: ele não poderia ganhar do Paraná. O jogo do Morumbi acabou mais cedo, porém nenhum torcedor ousou deixar o

estádio antes que o outro terminasse, e aqueles minutos até hoje parecem os mais longos que já aconteceram.

Até que, finalmente, em vários cantos do estádio e também no placar, apareceu o resultado final: 1x1. O Inter empatou e o São Paulo se tornou Campeão Brasileiro de 2006! O estádio mais uma vez explodiu em alegria. Eu, novamente, não parava de pular, gritar e fazer de tudo pra colocar toda aquela alegria pra fora. Até hoje está na porta do meu quarto a faixa de campeão que ganhei do meu tio na entrada do estádio naquele dia – e um sorriso maior do que meu rosto aparece sempre que me lembro desse jogo.

Pela primeira vez

José Adrián Hernández Ruiz

Podia ser um dia como qualquer outro, mas não era. Naquele momento, eu tinha 7 anos de idade, e tudo ainda me parecia maravilhoso: as árvores, as flores, os brinquedos, o mundo inteiro em geral. Como em todas as manhãs, minha mãe foi até a minha cama para me acordar para ir à escola. Eu estava cursando o segundo ano da educação básica.

Saí da escola por volta do meio-dia. Meus pais tinham carro, então passaram para me pegar para irmos ao mercado. Mas então aconteceu um momento inesquecível: fomos até a seção de esportes, onde ganhei pela primeira vez uma chuteira de futebol e caneleiras para jogar. Eu sentia que aquilo era a melhor coisa do mundo, e quase chorava. Mas o melhor ainda estava por vir.

Quando chegamos em casa, eu estava tão apaixonado que fiquei só olhando as coisas compradas por muito tempo. Eu não sabia que minha mãe ficara na porta sem fazer barulho, só me observando. Após o almoço (não lembro que alimento comi, acho que era carne com macarrões), descansei uns momentinhos até dormir. Acho que eram 16h quando o meu pai falou para mim que eu tinha que estar pronto, porque íamos sair.

Mudei de roupa tão rapidamente que não lembrei que tinha um copo de vidro a um lado e quebrei. Minha mãe gritou, mas não pôde continuar, porque a emoção que eu tinha era tão grande que ela se deu conta e ficou calada.

Após descer os cinco andares de meu prédio, caminhamos até o carro. Estávamos a menos de vinte minutos do meu primeiro time do futebol.

É verdade, acho que ao mesmo tempo em que eu comecei a caminhar, também já jogava futebol. Mas era a primeira vez que eu ia estar com outros meninos num campo de futebol e, o melhor de tudo, é que eu ia estar com as reservas do meu time favorito, o “Atlante”, o melhor do México, da América e do mundo (eu acreditava).

Chegamos ao campo. Havia chovido muito. Portanto, o campo estava molhado. Meu pai falou com o treinador para ajeitar tudo. Após uns minutinhos, meu pai falou para que eu me aproximasse. Cheguei de um jeito tímido, e o treinador chamado Nava falou:

- Você gostaria de jogar?

Eu respondi imediatamente:

- Quero sim -- com um sorriso que não cabia no meu rosto.

Ele comentou:

- Corre! Entra no campo! Quero um gol seu.

Foi um acontecimento importante, pois foi como se eu estivesse perto de jogar pela primeira vez na primeira divisão do México. Eu corri e, nem havia conseguido chutar uma vez a bola quando, em poucos segundos, ela bateu com tudo no meu rosto. As lágrimas queriam sair dos meus olhos, mas virei a cabeça e vi que meus pais estavam tão contentes por mim, que não eu podia ficar chorando. Então prossegui.

Durante a partida, a chuva seguiu muito forte e o jogo era tão bom que devia ser transmitido pela televisão do México. Eu joguei em minha posição natural, atacante. Embora começasse no meio-campo pelo lado direito. Acho que eram os últimos minutos da partida, o placar era 3x3. O goleiro passou a bola para o jogador do meio-campo então eu marquei o movimento para o passe longo. O jogador que tinha a bola se deu conta disso, virou a cabeça e passou. Eu fiz uma recepção maravilhosa com o pé direito e num “mano a mano” com o goleiro, chutei para seu lado esquerdo para fazer o gol. Meu primeiro gol com o time, meu primeiro gol da história.

Foi um bom gol. Meus pais e até o treinador aplaudiram. Minutos depois, o time contrário melhorou muito e terminou ganhando a partida: 4x3. Mas isso já não era importante para mim. O que era importante já tinha acontecido. Eu havia jogado com outros meninos em um campo de futebol, no meu time favorito, e acabei fazendo o meu primeiro gol...

Dia de atleta

Juliana Fontoura

Às vezes, fico imaginando qual a sensação de um atleta ao ser escolhido para representar seu país numa competição. Imagino que seja um misto de nervosismo, orgulho, alegria, ansiedade. Imagino porque, aos 11 anos, lá no ano de 2005, foi mais ou menos isso que senti quando fui escolhida pela minha professora de educação física para disputar um campeonato de queimada com outras escolas da região. Apesar de ser algo pequeno, para mim, aquela era uma grande conquista. O simples fato de participar foi mais marcante até do que a medalha de bronze que nossa equipe viria a ganhar ao término do campeonato.

Eu nunca fui a melhor aluna na aula de educação física. Ainda assim, lembro de sempre me esforçar para ao menos tentar praticar cada uma das modalidades que a professora nos apresentava. Era na queimada, porém, que eu parecia demonstrar um pouco mais de habilidade – talvez por ser um esporte que eu praticava na rua com os meus vizinhos todas as noites. Futuramente, o futsal viria a se tornar o meu esporte favorito, mas, para aquela garotinha baixinha e magricela de 11 anos, era a queimada que mostrava que sim, era possível se desenvolver em algum esporte.

Eu me lembro muito bem do dia em que a professora Bernadete avisou que a escola havia sido convidada para participar das olimpíadas estudantis de Taboão da Serra. Apenas escolas públicas participavam e essa era, afinal, uma maneira de incentivar os alunos à prática de esportes – o que, devo dizer, funcionou muito bem.

Nós participaríamos da queimada. E foi aí que descobrimos que só algumas de nós poderiam participar – e, a partir daquele dia, estaríamos sendo observadas durante as aulas. Se antes eu já me esforçava nos jogos, passei a terminar cada um deles exausta de tanto correr. No dia do anúncio das selecionadas, mesmo sabendo de todo meu esforço, fiquei muito surpresa quando a professora falou meu nome.

Do campeonato, é bem verdade que pouco me lembro. Sei que nosso time dava muitas risadas e se divertia muito no ônibus, a caminho do ginásio onde os jogos eram disputados. Sei que

ganhei novas amigas – meninas com as quais eu tinha pouco ou nenhum contato antes da competição, por pertencermos a grupos diferentes. Ganhei confiança e, mais do que isso, ganhei a certeza de que todos podem, sim, praticar esportes. Foi aquele campeonato, do qual guardo como lembrança uma medalha de bronze, que me deu uma pequena experiência do que é ser atleta.

Pequena epopeia sobre rodas

Lucas Paiva Delgado

O galo cantava, havia neblina e o sol custava a nascer. Acordamos todos animados, eu, meu irmão e meus primos. Ainda crianças, estávamos passando as férias no sítio de nossos avós, onde sempre havíamos nadado e jogado bola. Usávamos como gols banquinhos de plástico que, “boom!”, estouravam no primeiro dedão ou bomba que alguém metia. A grama deixava a perna coçando a cada carrinho e os formigueiros eram mais um jogador a ser driblado.

Dessa vez, porém, não era a bola o motivo da nossa empolgação, mas as rodas. Iríamos logo cedo de manhã pegar as bicicletas – quase enferrujadas, já pequenas para nosso tamanho e ambição – e percorrer desafiadores 8 km pelas estradas de terra da região. Nós quatro (eu, João, Luiz e Gabriel) éramos muito competitivos, – do futebol ao truco, perder nunca era uma opção – mas, veja bem, aquilo decididamente não era uma corrida. O que nos fez cair da cama tão cedo naquele dia era a ansiedade por ser desafiado, dar tudo de si e, mais do que superar um ao outro, superar nossos próprios limites.

Abrimos o portão de madeira – dessa vez sem a pressa de pegar a bola que tivesse caído para fora do terreno – e ... saímos. Pouco depois do sol ter aplicado um cartão vermelho no que ainda restava da cerração. O início parecia um passeio, sobrava energia e uma bela paisagem cheia de vida nos rodeava. A primeira subida foi de certa forma um alívio. Qual seria a graça se o desafio fosse literalmente um passeio no campo? Daí em diante foi uma subida maior e mais íngreme que a outra. As pernas buscavam cada pedalada com crescente dificuldade. Luiz e Gabriel tinham bem mais preparo físico, porém eu e João jamais iríamos esmorecer diante de meros morros de terra batida.

Justamente na pior subida, aquele verdadeiro Everest, vários cachorros de uma casa sem portão passaram a latir ferozmente para nós. Por mais que fossem apenas vira-latas esfomeados, minha memória, corrompida pelos sentimentos de outrora, me trai e faz-me crer que eram como leões defendendo sua selva. Descemos das bicicletas e fomos andando cabisbaixos em sinal de reverência aos reis do terreno. Foi então que avistamos um irrigador automático no horizonte. Era todo combustível necessário. Montamos novamente e saímos em disparada. Nós nos molhamos, bebemos água e seguimos viagem.

Agora era só descida. Não havia diferença no tipo físico que segurasse ninguém. Ora pedalávamos para adquirir a máxima velocidade possível, ora soltávamos as bikes e um abraço! A sensação do vento batendo no rosto e sacudindo os cabelos já bastava para sentir que o mundo estava ao nosso alcance, bastando que esticássemos os braços para alcançá-lo.

A chegada ao portão, ainda aberto, foi, sem dúvidas, um momento de glória eterna. A linha de chegada foi nosso pódio. Lavamos os pés, bebemos água e tomamos banho. O dia estava apenas começando...

Uma tarde fora do comum

Marcos Paulo F. Nascimento

A cidade é São Paulo. O sábado é cinzento, como grande parte dos dias na terra da garoa nesse inverno seco que assola o mês de julho na maior cidade do país. É fim de tarde, o clima está agradável e meus amigos vão chegando à minha casa.

Liga-se o videogame e começam as provocações. Quem perder, está fora. Se fizer 3 a 0, elimina antes do fim do jogo, mas o mais importante é: quando der 16h30, temos que sair pro futebol.

Chega o horário esperado e estamos prontos, chuteira no pé e rádio tocando, ansiosos pra jogar como em todos os sábados à tarde. Chegamos. Times divididos, dois para um lado, dois para o outro e um de próximo. “Ah, eles nunca deixam a gente jogar junto mesmo... Então vou te dar um rolinho”, é a frase dita todo final de semana quando chegamos nesse futebol para o qual somos apenas convidados, sem opção de escolha na divisão.

Após dez minutos muda o time, e o que jogar duas partidas seguidas fica de próximo. E eu lá, correndo. Um gol. Dois. E sento no chão pra esperar minha vez novamente. Volto pro campo. Um rolinho (mas não em amigo meu) e mais um gol. Já foram três! Se três gols em um dia já é raridade, me consagro: assistência de calcanhar e, no lance seguinte, o quarto!

Chega ao fim o horário de aluguel da quadra e os próximos “donos da quadra” entram em cena. Pagar, tirar a chuteira e tentar se limpar dos malditos cravinhos do *society* são a rotina do pós-jogo. “Caramba, jogou muito hoje, hein?”, “Você deu um rolinho, né? Aí sim” e “Fiz mais gol que você, foram cinco!” são os comentários. São brincadeiras rotineiras que dependem do desenrolar das partidas. Depois disso, casa e banho. Mas sem jamais esquecer da alegria que é ser destaque nessa brincadeira.

Quando você encontra o seu ídolo

Vitor Gentini

São-paulino, sempre fui. Desde pequeno, meu pai me vestia com o uniforme do São Paulo e me levava nos jogos no Morumbi. Quando fiz 13 anos, meu avô, que também era são-paulino roxo, me deu de presente uma cadeira no estádio do time. Não tardou muito para que eu conseguisse ser sócio-torcedor também. Enfim, futebol e o Tricolor sempre foram parte da minha infância e, conseqüentemente, da minha juventude.

É claro que qualquer torcedor fanático tem o sonho de conhecer o ídolo do seu time. No caso, é o meu era MITO: Rogério Ceni. Assistindo-o da arquibancada, ou no Morumbi ou no Pacaembu (ou até mesmo no antigo Parque Antártica), sempre tive vontade de cumprimentá-lo ou que ele autografasse a minha manta de goleiro. Mas era difícil. Muitas vezes, no Pacaembu especificamente, eu chegava bem perto da grade e gritava por seu nome, para ele se aproximar, mas tudo em vão.

Até que, um dia, resolveram fazer um filme sobre o time paulista. Meu tio, que trabalhou na produção, conseguiu um ingresso para a pré-estreia no cinema. Contentes e animados, fomos até lá. Havia diversas pessoas – a maioria jornalistas – empolgadas e vestidas com o uniforme do São Paulo. Andando por lá, esbarrei sem querer em um homem e logo quando ia pedir desculpas... Não acreditava. Era ele. O meu maior ídolo. De repente, passou um *flashback* de todas as vezes que eu gritava por ele, todas as vezes que eu o esperei no vestiário... Enfim, era ele. Bem ao meu lado. De carne e osso.

- Oi, me desculpe – disse tremendo.

Ele abriu um sorriso. O meu tio, que estava logo atrás de mim, percebeu a situação e não hesitou:

- Você poderia tirar foto com o meu sobrinho?

- E autografar a minha blusa também, por favor?

Então ficou registrada em foto e na minha camisa sua feição e a sua assinatura. Minha felicidade transbordava, e eu vi o filme com a maior alegria do mundo. Só quem encontra o seu ídolo sabe o nervosismo e a adrenalina que é. Nunca vou me esquecer desse dia.

Segundo jogo

Vitor Ho

Domingo, um daqueles do final de abril, em que São Paulo inteiro para e assiste a decisão do Campeonato Paulista de futebol. Não me recordo o dia, mas o ano eu me lembro perfeitamente: 2007. A final daquele ano era Santos e São Caetano. O Santos tinha feito a melhor campanha do campeonato, então tinha a vantagem de sair vitoriosos com o empate.

O primeiro jogo aconteceu e teve o resultado de 2x0 para o São Caetano. Meu pai me liga no final do jogo, e, como bom santista, me alerta: “O primeiro jogo foi difícil, você tem certeza que quer ir ao segundo? As chances de ganharmos é pequena”. Já tínhamos combinado antes da derrota que iríamos ao segundo jogo. Eu lhe respondi que sim, que mesmo com a derrota, e mesmo com a iminente derrota, gostaria de ir. A semana se passou, e fomos ao jogo.

Eram por volta das 14h30 quando fomos para o Morumbi. Como muitos fazem, paramos o carro no Shopping Butantã, que fica na Rua Francisco Morato com a João Saad, esta última que dá no Cícero Pompeu de Toledo, Morumbi. Fomos andando. O trajeto é de aproximadamente 15 minutos, mas o tempo pareceu infinito devido à ansiedade do momento. Entramos no Morumbi, e o estádio começava a encher e se tornar o palco do próximo grande espetáculo que vinha pela frente.

O jogo começou, o frio na barriga veio à tona. Precisávamos de dois gols, e só entendi, na hora, o tamanho da decepção que seria para aquele Morumbi com 55 mil santistas. Ficamos no setor na metade do campo. Pessoalmente, gosto mais de ir próximo à torcida organizada, onde é mais emocionante. Mas, neste dia, todos pularam e viram o jogo todo em pé. Desde a geral até o camarote.

Na metade do primeiro tempo, num escanteio, o zagueiro do Santos sobe no segundo andar e abre o placar. Finalmente, 1x0. A torcida então canta e vibra. Mas não sabia ainda o que estava por vir. No segundo tempo, outro gol do Santos, entretanto, estava impedido. O gol foi corretamente anulado, mas contestado pela torcida.

Já aos 36 minutos do segundo tempo, entra um iniciante no Peixe. Um baixinho chamado Moraes. Em uma jogada, Kléber (lateral) pela esquerda, cruza para o baixinho, que, de peixinho, marca. Santos 2x0. Naquela hora, era definitivo. As pessoas abraçando umas às outras, sem nem se conhecerem. A torcida festejava.

Naquele momento, eu já havia saído da aflição e comemorava. Comemorava MUITO. Os minutos finais foram tensos, mas quando o juiz apitou, era definitivo: Santos Bicampeão Paulista. Lembro-me da taça sendo levantada, e o caminho da João Saad, que foi tenso na ida, na volta foi somente cantos e euforia. Se a ida foi eterna, a volta passou rapidamente. Parecia que em um minuto já estávamos no carro. O shopping ficou infestado de santistas. Daquele dia, guardo a emoção de ver um campeonato no estádio pela primeira vez.

Futebol

Primeira Vitória

Eduardo Oyadomari

Primeiro ano do Ensino Médio, primeiro mês de aula. Junto com os meus recém-conhecidos colegas de sala, formamos um time de futebol e nos inscrevemos no campeonato da escola.

Jogo de estreia e logo de cara pegamos um time do terceiro ano. Assim que entramos em quadra, já sentimos a pressão da torcida, completamente apoiando o time dos veteranos.

Começa o jogo e as vaias aumentam a cada toque que meu time dá na bola. Mas apesar da pressão da torcida e da falta de entrosamento do meu time, conseguimos manter o placar inalterado até o final do primeiro tempo.

O jogo volta do intervalo, e a situação que já era adversa complica-se ainda mais logo nos primeiros minutos do segundo tempo. Com uma falha do goleiro, o time adversário inaugura o placar. Um a zero para o time dos veteranos, que começava a dominar o jogo. Mas essa dominância não se traduzia em gols e o placar continuava 1x0.

E como já dizia o ditado, “quem não faz, toma”. E depois de tantas chances desperdiçadas pelos adversários, num vacilo do time deles, “mão na bola ou bola na mão”? Pênalti para o time dos calouros! Encarregado da cobrança, ouvindo vaias e xingamentos, parto para a bola. “Preparou, bateu e... PRA FORA!”. E muito pra fora. Chance desperdiçada, torcida xingando e provocando.

Mas não seria essa a única chance. A partida continua e, o que seria um banho de água fria, o pênalti desperdiçado, serve para animar meu time. E numa bola espirrada, dou um chute mascado, a redenção. 1x1, placar empatado. E, com o empate, o jogo volta a ser mais equilibrado.

Faltando poucos segundos para o fim do jogo, um contra-ataque do time dos calouros só é parado com falta perigosa. Mesmo após ter perdido o pênalti, eu me ofereço para bater. Já havia desperdiçado uma chance, e essa talvez fosse ser a última chance de ataque da partida.

Chuto forte, a bola desvia na barreira e engana o goleiro. É o gol da virada, a redenção após o pênalti perdido!

O juiz apita o fim de jogo e, apesar de toda a pressão, do pênalti perdido, meu time consegue a vitória por 2x1, de virada! O melhor de tudo foi chegar em casa depois do jogo e ir dormir com a sensação de ter dado a volta por cima, e feito os gols da vitória do meu time. Havia sentido pela primeira vez o gosto da vitória – e foi um gosto que desejei sentir mais vezes.

Interior Alvinegro

Guilherme de Oliveira Sousa

Diz-se que a Ponte Preta nunca ergueu uma taça; que a Macaca é virgem; que nunca deu a volta olímpica. Naquele 18 de maio 2013, não foi o que aconteceu.

Quando eu, meu amigo Espeto e seu pai Ronaldo chegamos ao Majestoso, a expectativa era grande: a Ponte havia segurado um 0x0 fora de casa contra a equipe do Penapolense – que logo em seu ano de estreia na Série A1 do Paulista já alcançara o mata-mata –, dependendo de uma simples vitória para levar a taça.

O conjunto alvinegro começou fulminante, abrindo o placar logo aos cinco minutos, e tornando a aumentar a diferença nos minutos finais do primeiro tempo com dois de William Batoré. Chegado o intervalo, o clima no estádio não poderia ser melhor: 3x0 feito sem dificuldades deixou a torcida eufórica.

O segundo tempo trouxe um pouco mais de dificuldade, com marcação forte dos visitantes. Mas a Ponte conseguiu estufar as redes mais uma vez, em torno dos 30 do segundo tempo, praticamente dando fim ao confronto. O clube de Penápolis, no entanto, não se deu por vencido e conseguiu diminuir o placar no finzinho, com um gol de Anderson Carvalho aos 36 e outro derivado de penalidade máxima cobrada pelo experiente Guaru, aos 47. Uma questão de segundos separou o gol de Guaru do apito final. Apito final este que sacramentava a Macaca como a nova campeã interiorana, herdando o trono do Mogi Mirim, campeão de 2012.

Àqueles que insistem em diminuir as conquistas da Nega Veia (que incluem mais uma Taça do Interior em 2009, e o segundo nível do Paulista em 1969, entre outras) e não a consideram uma campeã de fato: sintam-se livres, cada um faz seus próprios julgamentos. O importante é que eu e os outros 8.766 pagantes vimos, sim, a Ponte Preta levar um caneco.

A nova casa

Leonardo Turtera Masironi

Era noite de 19 de novembro de 2014, uma quarta-feira. O dia que nunca parecia chegar, enfim chegou, depois de quase quatro anos. Era dia de voltar a frequentar minha segunda casa: era a inauguração do Allianz Parque. Mesmo em situação crítica no campeonato, a esperança de voltar para casa e voltar a vencer era enorme. Saio cedo de casa para chegar o quanto antes. Queria aproveitar cada momento, embora já tivesse entrado antes para uma gravação de DVD de escola de samba.

Ao pisar nas arquibancadas, se é que com a modernização ainda podemos chamar algum setor assim, tudo parecia de outro mundo, por um pequeno momento esqueço a posição no campeonato e só consigo me lembrar de bons momentos no antigo estádio. Sentindo esperança que o novo irá trazer coisas ainda melhores.

A hora do jogo estava cada vez mais próxima e, embora fosse a atração principal, não queria que essa hora chegasse. Estava tudo muito bom para chegar alguns jogadores que não estavam de acordo com a nossa história. Tinha esperança de que ganharíamos bem, mas no fundo sabia o quanto nosso time era fraco.

Começou o jogo e eu só comprovava meu medo. Não conseguíamos mostrar que era nossa casa, não mostrávamos força lá. Até que, no segundo tempo, levamos dois gols e o jogo acabou com vaias ao presidente e ao time. Tudo indicava que iríamos cair.

A inauguração da nova casa foi igual a despedida do antigo Palestra Itália: em ambos os jogos perdemos de 2x0, e em ambos saio com sentimento de tristeza. Antes, por me despedir de um lugar de que gostava e que não precisava mudar; depois, por possuir um belo estádio, no nível dos melhores do mundo, mas com jogadores descomprometidos que poderiam nos levar ao buraco. Mesmo com a derrota e a tristeza, voltar para casa depois de anos foi muito bom. Faltaram coisas que eu gostaria de ver, como a vontade, a vitória e, o mais importante, o meu avô. Saio pela saída do portão B, na Francisco Matarazzo, querendo estar de volta e pensando quando será o próximo. Independente de como está o time, sei que ainda irá acordar.

Onde surgem os heróis

Matheus Sérgio C. de Aquino

Não era um dia nem quente nem frio, um sol de primavera bastante agradável e o vento característico da estação. Minha turma, o 3º 2, havia sido dispensada pela ausência do professor. Mas naquele dia, parecia que toda a escola estava na quadra. E quanto mais se aproximava o horário do almoço, mais cheia a quadra ficava. Resolvemos jogar bola. Hora de tirarmos os times. Eugênio, como eu era conhecido na época, mais uma vez foi um dos últimos a ser escolhidos. Ninguém me queria no time, era o nerd perna-de-pau, e todos sabiam que na hora da escolha das equipes, valia o “amigos, amigos, futebol à parte”.

Times formados, a partida se iniciava. Eu e meu colega, Raphael, o famoso PH, não podíamos ficar no mesmo time para manter a partida equilibrada. Ele no gol, e eu no ataque adversário. A partida seguia sua normalidade, com um jogo bastante disputado, até que o imponderável, aquele que faz o futebol uma grande paixão nacional, tomou conta da peleja. Cruzamento na área, e quem sobe mais que todos os marcadores? Sim, amigos, aquele que havia sido escolhido por último, o perna-de-pau da equipe. E, de repente, a quadra lotada gritava meu nome: Eugênio, Eugênio!

Ainda assim, o goleiro era PH, como todos sabiam, um café-com-leite. Faltava algo mais, a verdadeira consagração. Agora o goleiro era meu amigo Bruno, o melhor da turma. Mas o dia havia amanhecido mais azul para mim naquele dia. Bola pingando na entrada da área e... Mais um gol de Eugênio, um golaço, um gol de centroavante, puro oportunismo. A quadra veio abaixo, Joanhinha trocava olhares comigo, pedia pra eu dedicar o gol, mas o êxtase do momento foi maior.

E como se fosse um sonho, o momento passou bem rápido, os abraços, os gritos, meu momento de ídolo, momentos que só o esporte nos proporciona, momentos únicos que transformam anônimos em heróis, desconhecidos em grandes personagens. Sim, amigos, o esporte tem essa beleza, por isso o amamos (e odiamos, às vezes) tanto.

Clima de Libertadores

Pedro Pimentel de Vassimon

No dia 1 de junho de 2011, tive a oportunidade de ir ao Paraguai com meu pai ver Santos e Cerro Porteño disputarem o jogo de volta da semifinal da Copa Libertadores da América.

Buscando uma final inédita na competição, os torcedores do Cerro Porteño lotaram o estádio General Pablo Rojas, em Assunção. A partida de ida havia sido vencida pela equipe santista por 1 a 0, o que obrigava os paraguaios a irem ao ataque, já que o empate classificaria o Santos.

Antes do jogo, um verdadeiro caldeirão vermelho se formou, com o barulho de centenas de sinalizadores e rojões. Somado a isso, a torcida santista era constantemente alvejada por garrafas de plástico e pedras, sem qualquer reação dos policiais presentes.

À medida em que o início da partida se aproximava, os rojões deram lugar ao barulho da torcida paraguaia, que não parava de cantar e pressionar por nem um minuto. Porém, logo aos 2 minutos de jogo Zé Eduardo abriu o placar de cabeça para o Santos, após falta batida por Elano, silenciando a torcida adversária. Pela regra do gol fora de casa, o Cerro Porteño precisava agora de dois gols de diferença para se classificar.

Aos poucos a torcida voltou a empurrar à medida que a equipe da casa se lançava ao ataque, mas isso não durou muito. Aos 27 minutos de partida, ocorreu o que foi com certeza o pior frango que já presenciei em uma partida de futebol. Após recuo de cabeça de um zagueiro, o goleiro do Cerro Porteño empurrou a bola para a própria rede ao tentar socá-la para frente, silenciando completamente a torcida paraguaia.

A equipe do Cerro Porteño, ainda não completamente derrotada, conseguiu diminuir com um gol de cabeça em cobrança de escanteio logo em seguida. No entanto, ainda nos acréscimos do primeiro tempo, Neymar marcou o 3º do Santos em contra-ataque veloz.

No intervalo, mais objetos atirados contra nós. Felizmente não estávamos na seção do estádio onde houve literalmente uma guerra de pedras, mas garrafas e copos cheios eram sempre

arremessados em nossa direção. O técnico do Santos, Muricy Ramalho, também chegou a ser atingido na cabeça durante o jogo.

No segundo tempo, a partida piorou muito, com o Santos se limitando a fazer o tempo passar. O Cerro Porteño conseguiu ainda marcar mais dois belos gols e fazer pressão no final do jogo, mas não foi o suficiente. Nem a bola no travessão aos 48 minutos assustou a torcida santista, pois o Cerro ainda precisava de pelo menos mais dois gols para se classificar. O apito final veio apenas para confirmar o que já sabíamos desde o fim do primeiro tempo: estávamos na final.

Na saída do estádio, nosso ônibus ainda foi bombardeado por pedras, partindo vários vidros e ferindo de leve alguns torcedores. Porém, nada disso importava mais. Estávamos todos extremamente contentes com o resultado.

Poucas semanas depois, o Santos viria a conquistar o seu terceiro título da Libertadores, em cima do Peñarol, apagando a derrota na final para o Boca Juniors de oito anos antes, na qual também estive presente no estádio. Santista roxo desde pequeno, o jogo em Assunção marcou para mim uma época vitoriosa do clube não só pela grande partida em si, mas pela classificação em meio a tantas condições adversas.

Sobre o terceiro andar e segundos que duram anos

Rafael Oliveira

Depois de ir do inferno ao céu, em um 2011 que começou com a patética eliminação para o Tolima antes do acender das luzes, e se findou com o brilhante pentacampeonato brasileiro, 2012 parecia ser o ano em que finalmente chegaríamos lá. A eliminação desastrosa para a Ponte Preta, nas quartas de final do Paulistão, com direito a frangaço do até então regular Júlio César, entretanto, parecia ser um tapa de realidade na cara: o elenco não era forte o suficiente.

Não me recordo se fazia sol, se o ar estava seco, se eu acordara de bom humor. Na verdade, isso tudo pouco importava. Naquela penúltima quarta-feira de maio, o único acontecimento que permeava minha mente e me preocupava só ocorreria nos acréscimos do dia, pontualmente às 22h. Em um ano que, mal sabia eu, terminaria com final feliz, era a obsessão compartilhada por todo corinthiano que me deixava aflito.

O sinal da TV à cabo, mais de dez segundos atrasado em relação ao dos vizinhos com menor qualidade de imagem, mas melhor *timing*, me levou ao mais genuíno palco futebolístico daqueles que não podem ou não conseguem assistir o jogo da arquibancada: o boteco. O Pub do Psiquiatra, onde eu também costumava almoçar, reunia uma pequena massa de corinthianos, contrapostos a alguns poucos rivais, que pretendiam comemorar a eliminação d'O Time do Povo em primeira mão.

Pouco antes do início do confronto saímos eu, minha bandeira alvinegra e Fernando, meu amigo corinthiano que até hoje jura que sou pé frio, apesar do retrospecto recente do nosso clube. Caminhamos os 400 metros entre nosso condomínio e o boteco/templo sagrado em poucos, mas longos minutos, sob o misto de apreensão e euforia que só um confronto de mata-mata pode proporcionar a um fã do futebol.

Já acomodados no Pub, deu tempo de pedir uma cerveja pro dono do boteco – um são paulino secador – antes que o apito inicial de Vuaden soasse no Pacaembu lotado. Gritei meu mais forte “Vai, Corinthians” no meio da rua vazia, tremulando minha bandeira como se de fato

soubesse o que estava fazendo, antes de voltar para a cadeira de madeira, a tempo de assistir os primeiros lances relevantes da partida.

E entre pitacos e lamentos pouco relevantes dos pouco mais de dez homens ali presentes, o primeiro tempo se fez morno. Dentre os poucos lances mencionáveis, a primeira metade da partida variou entre as sempre assustadoras cobranças de faltas de Juninho Pernambucano e dois lances perigosos do alvinegro paulista, primeiro com a abençoada perna direita de Emerson Sheik, que sofreu um desvio no meio do caminho e saiu para escanteio, depois com a testa iluminada de Paulinho, que parou nas mãos de Prass.

A manutenção da escalação inicial por Tite, no início do tempo derradeiro, foi motivo para desespero dos corintianos que tornavam o Pub do Psiquiatra um lugar digno de loucos. O mesmo valia para os rivais secadores, que chiavam com o Cristóvão Borges visto na televisão de sabe-se lá quantas polegadas, suficiente para acolher as duas dúzias de olhos aflitos.

Bastaram dez minutos de segundo tempo, entretanto, para os nossos resquícios de compostura se esgotarem. O gaúcho Vuaden se irritou com seu conterrâneo Adenor e o expulsou sem pestanejar. Mal sabia ele que fazia um favor ao treinador e ao Corinthians.

Da numerada descoberta, ao lado de Edu Gaspar e de milhares de torcedores, Tite tornou-se verdadeiramente mais um no bando de loucos. Junto da multidão de pseudotécnicos que lotavam o Paulo Machado de Carvalho, o técnico corintiano assistiu o resto da partida, sem deixar de dar – ou tentar dar – suas instruções aos comandados.

E Alex, que chegara a pedido do mais novo louco do bando alguns meses antes, foi quem, aos 17 minutos e 33 segundos, mandou a bola para o meio da área vascaína. Antes que algum corintiano pudesse desviar a pelota, entretanto, os punhos de Fernando Prass jogaram a redonda nos pés de Alessandro que, ao dominá-la, cinco segundos depois da cobrança de falta, não sabia que estava prestes a viver os mais longos instantes de sua vida. Mais do que isso, os mais longos instantes da vida dos milhões de corintianos que olhavam fixamente para o lateral direito. Último homem da zaga do Timão, o capitão chutou a bola nas pernas do vascaíno Diego Souza, que atravessou o campo em direção ao gol salvaguardado apenas por Cássio.

O copo de cerveja que ia em direção a boca, voltou imediata e apressadamente para a mesa. A bandeira, que descansava na mesa, fez o caminho oposto. As pernas levantaram-se levemente da cadeira. Os olhos esqueceram da necessidade de piscar. Entre o instante que o meia do Vasco partiu atrás da bola e o desvio sutil do gigante Cássio, a gravidade deixou de existir, o tempo passou mais devagar do que o normal. Só o grito de “pra fora” de Cléber Machado conseguiu trazer a Terra e todos os corações alvinegros de volta para seus devidos lugares.

A cabeçada do ex-corintiano Nilton no travessão, no lance seguinte ao milagre do arqueiro do Corinthians, fez o coração, que mal se recuperara, palpitar novamente. Foram precisos alguns instantes para conseguir sentar novamente, e mais alguns para conseguir trazer a respiração para um padrão aceitável.

O chute de Emerson, 15 minutos mais tarde, primeiro na mão de Prass, e depois caprichosamente na trave esquerda do gol vascaíno, levantou todos os presentes da cadeira de novo, dessa vez definitivamente. Mas aquele ainda não era o dia (os dias) do atacante. Aquele era o dia não da perna direita abençoada de Sheik, mas da testa iluminada do volante Paulinho.

Aos 42 do segundo tempo, quando os corações alvinegros de Corinthians e Vasco já se preparavam para uma desesperadora disputa de pênaltis, Alex voltou a cobrar uma bola parada que poderia mudar a história da partida. Mas se Diego Souza perdeu a chance de se consagrar, Paulinho subiu sozinho, no terceiro andar da área vascaína, para se firmar como ídolo.

Testada firme no canto direito, sem chances para Prass, e uma profusão de abraços. De Paulinho, primeiro nos enlouquecidos companheiros de equipe, depois em um torcedor que arriscou subir no alambrado do Pacaembu. De Tite, primeiro em Edu Gaspar e Duílio, depois nos mais próximos a ele na numerada descoberta. Meus, primeiro em meu amigo Fernando, depois no resto dos corintianos do boteco, desconhecidos que compartilhavam da mesma paixão.

Ainda deu tempo de ver Cássio caçar borboletas e a bola encontrar outra vez a testa de um volante, dessa vez a do vascaíno Rômulo, que não teve a mesma sorte e mandou-a para fora, antes que Vuaden apontasse o centro de campo e o sonho se aproximasse ainda mais de virar realidade.

Bandeira tremulando no meio da rua. O hino corintiano entoado por uma dúzia de sofredores que certamente não tinham propensão a problemas cardíacos. Corinthians, dos segundos que duraram anos, da cabeçada certa do volante-artilheiro, classificado para a semifinal da Libertadores.

Vencida pelo 1 a 1

Sophia de Oliveira

Smartphone, rádio portátil, rádio do carro, televisão; a transmissão ao vivo, a reprise do jogo, o programa do Galvão. A rede social, o canal do *Youtube* que faz graça com os lances da partida de ontem e com o jeito de falar do goleirão. É futebol vinte e quatro por sete; é o torcedor que, diretamente do lar, demonstra toda sua euforia.

Minha mãe outro dia disse que, quando criança, falou para a mãe dela que preferiria se casar com um homem que gostasse de futebol mais do que de cachaça, numa clara alusão a meu avô. De cachaça estamos livres aqui em casa, mas o vício pela bebida foi substituído pela obsessão com o esporte oficial dos gramados; e, como se não bastasse, meu irmão também partilha da animação. Jogador de posição lateral na modalidade *society*, o caçula sai gritando “gol!” todas as quartas, sábados e domingos, porque, mesmo que não seja o time do coração em campo, ele sempre tem um favorito em cada partida.

As coisas não são normais em uma casa cujos moradores, apesar de atestarem o contrário, são fanáticos por futebol – não o futebol europeu, com seus times de astros (das redes sociais), que deixam a desejar em campo, mas verdadeiros admiradores de uma formação 4-3-3 com gostinho de várzea. A conversa à mesa de jantar, por exemplo, é sempre interrompida quando lá no estádio o atacante no qual ninguém apostava faz um gol; sabemos disso porque o radinho ainda está ligado. A mãe mandou desligar, mas quem dá ouvidos à são-paulina? Levanto de manhã em um fim de semana e as primeiras palavras que ouço são as do meu pai, se dirigindo a meu irmão: “o gol de empate foi pênalti?!”. “Foi nada! Juiz ladrão. Pênalti coisa nenhuma”.

O jogo terminara com empate por 1x1 entre os times, ambos paulistas. Ouviria falar daquela injustiça arbitrária pelo resto da manhã e parte da tarde, até que uma nova partida se iniciasse no canal a cabo. De nada adiantou reclamar, pedir silêncio, “também sou torcedora, mas sei separar as coisas! Parecem duas senhoras tricotando, vocês dois. Depois falam de mulher”. Naquele dia fui derrotada pela conversa futebolística; em meio a uma segunda tentativa de comunicação com meu pai, o irmão solta um sonoro gol. De quem? Do Grêmio. E tá quanto? 1x1. De novo. Melhor isso que a cachaça.

Meu 7 a 1

Thiago Hideki Enomoto Nakasawa

Eram férias de verão, tempo bom. Juntei alguns amigos em casa para comemorar o fim das aulas, com comida e alguns jogos de tabuleiro que comprei naqueles tempos. Dia de jogo, aproveitamos para ver a semifinal da Copa do Mundo com grande expectativa. Neymar havia se machucado e fazia falta àquele time, mas ainda assim esperávamos um bom jogo. Ajeitamos o sofá, ligamos a tevê e esperamos o jogo enquanto o tempo passava. Não havia nada de anormal além do pouco movimento na rua.

Quando o jogo começou, veio aquela esperança de logo ver um gol do Brasil para dar mais passo rumo à final. Esperança que morreu com o primeiro gol da Alemanha.

Com o clima fúnebre, o jogo continuou. A Alemanha, sem dar folga, atacava aquele Brasil frágil. Parecia que cada vez que a seleção adversária tinha a posse de bola, ela fazia um gol.

Com o fim do primeiro tempo, desisti de ver o jogo. Desci as escadas e bebi um copo d'água. Alguns continuaram a ver ao funeral da esperança. Voltei a jogar jogos de tabuleiro com os que não ligavam para a Copa ou que, como eu, não queriam continuar a assistir. Meu 7x1 foi na verdade um 5x0.

O craque imaginário

Victor Mantovani Cinesi

Domingo de clássico. Os dois clubes da capital se enfrentam em um confronto decisivo para ambos os times que ainda tentam se encontrar no difícil campeonato. Do lado do mandante temos uma arena lotada, torcida esperançosa e um bom time se formando. No visitante, temos um time que apresenta um bom futebol e acredita que pode ser campeão nesse ano. A expectativa era enorme de ambos os lados. Mas, se existisse alguma coisa que os torcedores de ambos os times acreditavam é que apenas um jogador poderia decidir o jogo. Era o camisa 10 do time visitante, o chamado “Craque Imaginário”.

Os jogadores entram em campo. O camisa 10 parece não sentir a pressão da torcida adversária. Parecia ter certeza que, nessa tarde de domingo, todos os que o xingavam iriam aplaudir logo mais. Ele e todo o país sabiam da sua qualidade. Todos estavam à espera de uma grande atuação.

O jogo começa como era de se esperar, pegado, corrido e com muita vontade de ambos os lados. O craque não se acostuma com o futebol praticado nesse jogo, chamado futebol moderno. Afinal, ele ainda sente ao lembrar de uma contusão que esse futebol moderno já lhe rendeu. Os sete meses parados no departamento médico, ainda não superados, o bloqueiam de entrar em divididas. Mas ele parece não se importar, afinal sabe, mais do que ninguém, que poderá equilibrar a falta de entrega na defesa com sua magia na armação do ataque.

Chega a primeira bola em seus pés. Não tem pressa, recua. Cadencia o jogo. Isso ocorre inúmeras vezes, mas, novamente, não se importa com as possíveis críticas. Ele lembra que os maiores camisas 10 que viu jogar eram jogadores capazes de administrar o ritmo do jogo. E era isso que ele queria.

Quando aparece a primeira oportunidade, ele enfia um grande lançamento para o atacante. Uma pena que ela foi forte demais. Logo após essa, o time ganha força e ele faz outro grande passe para o mesmo atacante, que erra a finalização. Nos lances seguintes, ele tenta repetir os passes geniais mais acaba falhando. Ele sente, dentro de sua cabeça, o “uhhhh, foi por pouco”

vindo da torcida. O 10 gosta dessa sensação. Grandes camisas 10 já protagonizaram lances maravilhosos que, infelizmente, não resultaram em gol, mas em um belo quase.

O jogo corre, mas parece que o time do camisa 10 não progride, diferentemente para o adversário, que abre o marcador. Nesse momento, o craque imaginário sabe que precisa reverter o jogo, mas erra seus passes. Resultado? O adversário marca o segundo. Mas ele não se importa, sabe que ainda vai acertar seu passe e virar o jogo para seu time.

O primeiro tempo acaba. O segundo se inicia, mas sem mudanças em ambos os times, incluindo de nosso craque. O “quase” acaba se tornando um companheiro fiel para nosso 10 nessa tarde. Poucos minutos depois, o terceiro do adversário. O camisa 10 abaixa a cabeça. Lembra que os grandes camisas 10 também já perderam grandes jogos e que esse será esquecido pelo torcedor com a grande atuação que terá o no próximo jogo. E com a cabeça já no jogo de quarta, o nosso craque nem percebe o quarto do rival.

O juiz apita o fim de jogo. Festa da torcida adversária na arena. Nosso craque olha, acha bonito e lembra que tem muito campeonato pela frente e que ainda irá decidir para seu time e ganhar o campeonato.

Quem dera o que se passava na cabeça do nosso craque se tornasse verdade. Quem dera que sua relação com o “quase” fosse tão íntima como sua relação com futebol moderno. Mas isso não acontece, não é verdade. A verdade é que seu imaginário não combina com o futebol moderno. Mas, quer saber a verdade? Quem me dera que o futebol moderno fosse tão belo quanto o que passa na cabeça de nosso craque. Quem me dera.

Esporte Universitário

No Esforço

Alexandre Amaral

Era a terceira das quatro etapas do campeonato paulista de natação. O ano, já não lembro muito bem. A quarta etapa sempre num dia brilhante, com premiações majestosas que deslumbravam qualquer um que passasse perto para ouvi-las. Mas a terceira etapa, como todas as outras etapas, fazia jus ao que é o esporte. Obrigava os aspirantes a atletas a enfrentarem horas da madrugada em uma estrada cinza num sábado de inverno.

Fui acompanhando a delegação da minha academia todo o caminho, mas era um dia solitário. Não que este solitário fosse ruim. Na verdade, sempre me fechava em dias de competições sérias. Era uma espécie de ritual para mim, talvez o momento em que eu verdadeiramente conseguisse estabelecer um diálogo comigo mesmo. Durante a prova, eu precisaria de uma mente focada. E se fosse necessário passar metade do dia lembrando cada movimento, cada respiração e cada pensamento que eu teria que realizar durante aqueles 25 segundos na água (pois eu não ia deixar passar um milésimo extra que fosse) ainda assim, seria um preço baixo a pagar.

Subi na baliza. Estava frio. “Às suas marcas,” ouvi. Aproveitei até a última gota de ar que entrava nos meus pulmões. Frio. Caí na água. Embora meu corpo passasse por uma explosão de energia, minha mente finalmente alcançava paz. Na rara oportunidade de uma respiração, era possível ver de relance o Giorgio gritando que nem um doido perto da borda. Nem ideia do que ele gritava, mas o importante é que gritava.

Só faltavam uns 5 metros, agora. Meu corpo queimava. Nas últimas braçadas, eu não estava mais na competição. Eu estava, na verdade, revivendo os meses anteriores; revivendo a dor, o desespero, as privações. Tudo o que eu queria agora era enfrentar mais disso. Quanto mais meus braços queimassem e meus pulmões arrancassem parte da minha alma, melhor. Assim, eu iria mais rápido. Com toda a certeza, os últimos metros demoraram mais do que todo o resto da prova. Bati na parede.

Meia-maratonista de primeira e última viagem

Danilo Maciel de Barros

Meia-maratona de Nice, 26 de abril de 2015. Essa história tinha começado um mês antes, em uma decisão tomada às pressas, após uma promessa, em conjunto com outros dois amigos (um deles, mais sensato para alguns e medroso para outros, optou pelo circuito de 10 km). Faltavam dez minutos para a meia-noite do dia em que as inscrições sofreriam um salto no preço. Decisão sensata, no impulso. Um bom começo.

Não é que nunca houvéssimos treinado, ou que não viéssemos pensando em fazer uma meia-maratona (pensamento vago, é claro). Mas definitivamente a ousadia (na verdade, ambição e teimosia) superava o nosso nível de preparo. Com um mês para a corrida, no entanto, tínhamos tempo de sobra – de acordo com nós mesmos, e não com o que tínhamos lido sobre o assunto – para treinar. Idealmente, seriam cinco a seis dias de corrida por semana, com distâncias crescentes, sendo o domingo reservado para corridas longas enquanto durante a semana faríamos corridas mais breves, para ganhar ritmo.

Como nada é ideal, passado um mês de administração de dores musculares e alguns tubos de anti-inflamatório, chegamos a Nice tendo realizado parte irrisória da meta para os treinamentos. A meta estipulada, no entanto, era completar a prova em 1h45, um ritmo bastante forte, considerando nosso preparo. Meu problema nunca foi a velocidade, mas aguentá-la ao longo de vários quilômetros era outra história (devia ser, afinal nunca tinha feito nada perto de 21 km para saber).

O clima na manhã da prova estava perfeito para a corrida: nublado e sem chuva, com temperatura amena. A atmosfera também era fantástica: às 8h da manhã, praticamente todas as pessoas na rua eram corredores se direcionando a linha da largada. Na chegada, lá já se encontrava um mar de pessoas, e foi difícil nos colocarmos em um bom lugar para a largada, próximo ao corredor de referência que faria a prova em 1h45.

Largamos um pouco atrás, tentando acompanhá-lo com a vista em meio à multidão. Nos primeiros dois ou três quilômetros, mal notei que estava correndo, era difícil definir um ritmo em meio a tanta gente. Tentávamos ultrapassar tantas pessoas quanto o possível, para nos

livrarmos daquele aglomerado e poder estabelecer nosso ritmo. Nesse processo, acabamos por deixar o corredor de referência para trás.

Passados os primeiros cinco quilômetros, mal notados, estabelecemos um bom ritmo, e a primeira metade da prova correu tranquila, em uma parte muito bacana do circuito, no centro da cidade, passando pelo famoso porto, e com muita torcida e forte apoio da população. Completamos os primeiros dez quilômetros em bom ritmo, abaixo da meta, mas eram nos últimos dez (território praticamente desconhecido para mim nos treinos do último mês) em que a prova se decidiria.

Como me sentia bem, mantive um ritmo forte, a puxar pelo meu amigo, que apontou que talvez fosse forte demais, mas topou ver até onde chegávamos assim. A partir do décimo quilômetro, só ultrapassamos corredores. A cada pessoa deixada para trás, encontrava novo estímulo para seguir adiante em forte ritmo. A última metade da prova, no entanto, era composta praticamente por uma reta de 5 km, a ser percorrida em ida e volta. Na altura dos 18 quilômetros, já distantes do centro, com menos gente na rua, menos distrações e mais cansaço acumulado, comecei a sentir o corpo a reclamar do esforço e deixei o ritmo cair um pouco.

Nesse momento, meu amigo, que me seguia um pouco atrás, me alcançou e cobrou: “Você me forçou a esse ritmo desde o começo, agora vamos até o fim!”. Os últimos dois ou três quilômetros pareceram uma nova maratona inteira, uma reta interminável com uma chegada inexistente. Completamos a prova em 1h36, um tempo melhor que todas as nossas expectativas. E para o qual estávamos preparados, o que se evidenciou na semana de dores musculares após a prova, e na certeza de que não o repetiremos (ao menos até uma nova promessa).

O vice da Fúria

Guilherme Parra Magri

Mesmo sendo calouro, eu já estava pilhado. No B.O. da Atlética, a ênfase de todas as modalidades era o tal do “BIFE”. Eu nem sabia o que era, só sabia que depois de ler tanto sobre isso e conhecendo minha natureza competitiva, meu objetivo com certeza seria ganhar essa coisa. Faltavam nove meses. Nesse tempo, conheci melhor o time, os pontos fortes e fracos, a individualidade de cada um, os chutes e até mesmo a vibração após um gol.

Nosso time tinha o incrível poder de fazer qualquer partida ser emocionante, não importa se fosse com o melhor ou o pior time, a decisão só vinha nos últimos instantes. Nos últimos meses, essa emoção não tinha dado muito certo, visto que perdemos a maioria dos jogos. Às vezes era a falta de atenção, a falta de organização, falta de controle ou falta de conjunto, não importa.

Chegou o tão esperado BIFE. Todos felizes, todos falando “nesse ano, a gente ganha”. No começo, essa ideia não me pegou, mas, depois, percebi que era possível. Será que logo no meu primeiro ano seríamos capazes de conquistar algo nunca antes visto no handebol FFLCH? Será que finalmente a “Fúria Laranja” levantaria o ouro da modalidade?

Araraquara seria o palco do maior evento esportivo da minha vida até então. Os flashes passavam na cabeça, as noites que antecederam a ida foram mal dormidas, a lembrança das travadas, tombos, quadras ruins, horários péssimos de treino, roupas rasgadas, gols perdidos e feitos... A hora tinha chegado, o ônibus partiu e partiu com o time desfalcado. Tanta expectativa para chegar na hora e sete pessoas não irem. Ainda bem que não tínhamos jogo no primeiro dia, seria um desastre.

No segundo dia, a hora tinha chegado: a quadra, a torcida, a bateria, todos ensandecidos. Mesmo com tantos desfalques, demos um jeito de ganhar. Sofrido e intenso, como tinha sido o ano todo, só que, dessa vez, tinha dado certo. Nas semis vinha teoricamente um time mais difícil, mas demos um jeito de torná-lo fácil. A conversa pós-jogo e o sorriso no rosto de cada um do time me fez acreditar que pudéssemos ser, finalmente, campeões.

Domingo: a final. FFLCH X Física. Tragédia. Não ganhamos, o jogo não foi emocionante e a medalha de prata era indigesta, pelo menos para mim. Mas ainda assim todos estavam felizes, celebrando como se fosse uma vitória.

Depois percebi que, quando finalmente chegou a hora do aperto, ganhamos dois jogos seguidos, algo que ainda não tinha acontecido. Percebi que perdemos para um time muito bem montado e pode-se dizer que superior. O que até então era desastre virou motivação. Aceitei a prata, mas ela ainda era prata. Quem sabe 2015? Ainda há tempo.

Primeira vez em águas abertas

Karina Cucolo Monteiro

Primeira experiência em mar aberto. Volta do Parcel, praia do Juquehy. Eu, minha mãe, meus amigos da academia. 2h30 de van para chegar até lá. Praia curta, de pouca areia e muito mar. 1.500 metros dando a volta no Parcel, uma pedra. Mar demarcado por 3 bolas (500 metros entre elas). Meses de treino para ganhar fôlego e resistência.

Os homens largavam primeiro, por volta das 9h. As mulheres começavam depois, junto com as crianças, às 10h. Ansiedade, nervosismo pela primeira experiência em mar. Água gelada por ser no mês de maio. FÓÓÓ. Mais de mil pessoas nadando, tentando ser o primeiro a chegar.

Começo a nadar, me desespero, tento colocar o pé de volta. Muito tarde, já não alcanço. Continuo nadando. 100, 200, 300 m. Direita, esquerda, respira. Maré muito alta, difícil nadar com a água batendo no rosto. Viro de costas e começo a nadar melhor. Sensação de tempo e distância se extingue, é só você e o mar. Passa a primeira bola, faltam 1.000 metros.

Viro de frente, começo a nadar cachorrinho. A vista é linda, a pedra sempre ao seu redor te orientando para a direção certa. Você pensa sobre sua vida, sua mãe que te espera na areia. Seu professor que te ajudou a treinar. Seu esforço e dedicação para isso. Direita, esquerda, direita, esquerda. Passa a segunda bola, faltam 500 metros.

Seu corpo dói, você está cansada e com sede, já não vê mais pessoas ao seu redor. Já nadou todos os estilos, está no costas de novo. Pensa em desistir por um minuto, mas já vê a areia, meio longe. Direita, esquerda, direita, esquerda. Um garoto, praticando Stand Up Paddle, te ajuda a recuperar um pouco de fôlego na sua prancha. Você respira, conversa um pouco com ele e toma a coragem que resta para terminar. Na praia, jacarezinho para chegar até a areia.

Você chega, 45 minutos depois de ter largado. Sua mãe te abraça, seu professor te abraça. A sensação de vitória, por ter feito algo que nunca fez. A alegria por não ter desistido. Volto pra casa, durmo, porém com dever cumprido e uma experiência inesquecível. Todo ano a prova se

repete, mas a primeira vez é inesquecível. Voltarei a nadar em mar aberto um dia. E assim continuo. Direita, esquerda, direita, esquerda.

Um dia de ouro

Leticia Santos

O sol entrava pela janela do quarto enquanto eu preguiçosamente abria os olhos, apenas momentos antes de me dar conta de que havia chegado, finalmente, o dia. A preguiça logo deixou de existir. Pulei da cama procurando o relógio mais próximo e relaxei ao ver que estava bem adiantada em relação ao horário das atividades, mesmo assim corri ao quarto de meu pai para acordá-lo.

Lembro que ele me fez um grande café da manhã com direito a vitamina de morango e pão na chapa, lembro que ambos tinham um gosto diferente naquela manhã, um gosto de expectativa e ansiedade misturado com uma felicidade enorme por ter conseguido chegar à final. Lembro que meu pai estava muito orgulhoso de mim, tendo ele próprio participado de inúmeras competições de natação quando era mais novo, e, mesmo sendo apenas minha primeira vez competindo, já me sentia muito orgulhosa de mim mesma.

O percurso de carro até a academia onde eu costumava fazer as aulas pareceu interminável, mas acredito que quando se é criança o tempo parece se multiplicar, principalmente quando se espera por algo. Me lembrei do sol que me acordara pela janela: ele estava presente em todos os lugares naquele dia de setembro, nas árvores que balançavam com a brisa, esquentando um cachorro que dormia na calçada e, finalmente, refletindo na água da piscina quando chegamos.

Haviam bandeirolas coloridas por quase toda a extensão da piscina e a água parecia me chamar para um mergulho. Resisti bravamente e fui até o vestiário colocar meu maiô, os óculos e a touca de silicone. Normalmente eu me irritaria com ela, que sempre grudava nos fiapos do meu cabelo encaracolado e rebelde, mas não neste dia. Não. Eu não ligava para ela. Na verdade, eu saboreava cada etapa da minha preparação sabendo que iria me lembrar deste dia ainda por muito tempo. No auge dos meus dez anos, havia pouca coisa pela qual eu tinha trabalhado e me esforçado tanto para realizar e eu não deixaria nenhum detalhe bobo estragar a experiência.

Lembro de ter encontrado com duas amigas minhas que também competiriam, Raquel e Gabriela, que estavam tão ansiosas quanto eu. Analisamos as outras competidoras que vieram de diferentes academias e consideramos nossas chances de formas diferentes – embora fosse unânime que a maior delas nos causava mais receio. Nenhuma de nós sabia o nome dela, mas, pelo maiô, a garota maior treinava pela Swim América, uma academia de um bairro mais afastado da cidade. Fizemos um pacto entre nós três que nenhuma olharia para ela depois que entrássemos na piscina para não nos desconcentrarmos da prova. Com isso posto, unimos nossos dedos mindinhos, sinal do mais profundo comprometimento para nós naquela época.

Nos posicionamos em nossas raias. Eu fiquei com a de número sete, mas não me lembro exatamente o número das raias da Raquel e da Gabi. Lembro de falar para mim mesma para que eu não pensasse em mais nada e só me concentrasse nos 200 metros à minha frente, em inspirar, expirar e apenas fazer o que tinha ido fazer. Não pude evitar pensar em meu pai e o procurei na arquibancada improvisada ao lado da piscina. Ele estava sorrindo para mim de um jeito tão sincero e acolhedor... Nunca vou mês esquecer de como ele sorria.

Voltei a me concentrar momentos antes de soar a buzina e cairmos na água. Me lembro muito pouco da prova em si, o que me parece um tanto irônico, mas lembro que fiquei feliz pela minha largada, fiquei bastante tempo embaixo da água e cobri uma boa distância com o pulo. Depois disso, imagino que tenha me esforçado muito porque lembro de estar procurando desesperadamente por fôlego depois de bater na parede do outro lado dos 200 metros.

Lembro de ver a Gabi chegando depois de mim e a Raquel vindo em minha direção com um sorriso enorme. Imaginei que ela tinha ganhado, mas logo depois vi nosso professor se aproximando de mim batendo palmas extasiado e me dando os parabéns pela vitória. Fiquei um pouco confusa de início, mas logo uma onda de enorme felicidade me invadiu. Eu havia ganhado minha primeira competição.

Entre touros e mamutes

Mariana Gomes

Quisemos tanto estar aqui. Levamos um ano inteiro pensando como seria estar aqui hoje e trabalhamos tanto para estar aqui hoje. O cansaço das atletas é tão visível, mas o brilho nos olhos por chegar na final depois de tudo, vale mais do que um troféu de primeiro lugar.

Eu nunca levei jeito pra jogar nada e, na verdade, nunca me interessei em estar dentro da quadra. É engraçado pensar como nossas escolhas nos levam a lugares que jamais imaginaríamos estar e, principalmente, sentindo coisas que não acharíamos que sentiríamos.

De qualquer forma, estou eu aqui dentro da quadra, vestindo uma bata rosa fluorescente que pode ser vista a metros de distância. Cansada, sem dormir, desejando voltar pra casa o mais breve possível e tentando não pensar nos mais de 350 km que ainda preciso viajar. Minha função se resume a basicamente assinar meu nome, minha atlética, o horário de início e término de jogo e descrever qualquer incidente que possa ocorrer durante o jogo. Uma tarefa simples se um dos times não fosse o da minha faculdade.

Hoje é uma das finais mais atípicas que esse campeonato poderia ter. De um lado, o time da emergente Escola de Engenharia de Lorena (tão inexpressiva por tantos anos e que, agora em 2013, vem fazendo uma campanha impecável e esmagadora), que conseguiu trazer pra decisão suas meninas do handball. Tinham uma torcida enfurecida e apaixonada. Os "mamutes", todos vestidos e pintados de azul, bradando seu nome e exaltando o time a todos pulmões, num variado conjunto de músicas e hinos, acompanhados de sua bateria.

Do outro lado, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades, que perdeu jogos importantes e não se saiu muito bem no geral, mas conseguiu também trazer suas meninas do hand para a decisão. A particularidade dessa escola é que dá o tom para o jogo ser tão atípico: resultado de uma briga de torcida, a delegação da EACH foi expulsa do campeonato no dia anterior. A partir disso, apenas foi permitido que a Escola participasse das finais nas quais se classificou, mas, como parte da punição, não poderia ter torcida nenhuma.

Aqui estou eu, lutando com meus olhos e corpo para me manter em pé e torcendo silenciosamente por minha faculdade. Afinal, quando você é CO, você precisa virar a neutralidade em pessoa.

O jogo começou. Lorena demonstra ser superior, pois vem bem no geral e tem uma torcida forte apoiando o time em quadra. Também percebo uma certa repulsa vindo da torcida em relação a EACH. Afinal, de um dia para o outro, nos tornamos vilões por causa de uma única pessoa que deixou o sangue esquentar e fazer o que não devia. Porém, em jogo universitário, qualquer faísca já é um incêndio para a rivalidade entre as faculdades.

O jogo está passando e o marcador digital do ginásio, já antigo e empoeirado, não consegue marcar o placar em tempo real. A todo o momento ficamos em cima da mesa da arbitragem para observar o placar. A disputa está acirrada, cada ponto é conquistado em meio a muita euforia entre os dois lados. As provocações começam a aumentar ao longo do jogo. A quadra se tornou um campo de batalha. Pelo lado de quem assiste, vi pontos sendo marcados transpirando garra e força, coisa de atleta mesmo. É como ver o real sentido do esporte – pontos que eu achava que só veria em uma transmissão de Olimpíada.

Na reta final do jogo, a EACH se sobrepõe aos mamutes azuis e consegue uma boa diferença que é ameaçada no final, mas as meninas persistiram e conseguiram manter a diferença. O ginásio se cala.

Consigo imaginar o que a nossa torcida estaria fazendo nesse momento em que as meninas conseguiram o tão sonhado título. Consigo ouvir mentalmente nossa bateria, nossa torcida organizada, nossas músicas sendo cantadas... Só imagino. Olho para aquela arquibancada vazia, sem nenhum vestígio de vermelho e amarelo e respiro profundamente.

Eu me viro para assinar a súmula com o horário final do jogo, com certo orgulho de ter sido uma das únicas pessoas que viram aquele momento acontecer. Só me resta agora espalhar a história da grande final para o resto da torcida.

Em busca do sonho dourado

Sidnei de Souza

Quarta-feira, 3 de junho de 2015. Em uma noite de clima agradável, os alunos da Escola e Comunicações e Artes da USP se preparam para mais um JUCA (Jogos Universitários de Comunicações e Artes). Os atletas na expectativa dos jogos; a torcida entrando no clima das festas – com cerveja gelada, gritos e torcida nas arquibancadas. Era assim que a ECA partia pra mais um JUCA.

Os jogos se iniciaram no dia 4 de junho, na cidade de Araraquara. Os times ecanos estavam na espera para entrar em quadra, todos com a idealização da medalha de ouro. Só que um time em especial buscava aquele sonho dourado mais do que os outros: o vôlei masculino. Desde 2009 o time não alcançava uma final. Após alguns anos acumulando decepções, as coisas pareciam mudar a partir de 2014. Naquele ano o time estava mais unido, mais forte. Mas não conseguimos vencer o bom time da Anhembi – o que foi um aprendizado para 2015. Mantivemos a base mais experiente, mais focada.

Em 2015, os deuses dos jogos universitários foram gentis conosco um mês antes do JUCA. Os times mais fortes ficaram do outro lado da chave. Era esse ano. Com a confiança e a autoestima elevada, treinamos ainda mais forte.

Eu, pela primeira vez, iria jogar um JUCA como titular. Um misto de nervosismo e ansiedade afluía dentro de mim. Não foi a noite mais bem dormida da minha vida. Mas, no dia seguinte, acordamos todos confiantes. O jogo era contra a Cásper Líbero. Éramos favoritos e mostramos isso logo no primeiro set. A massa ecana estava empolgada, o time embalado. Parecia que seria mais fácil do que o esperado, mas aí não seria a ECA. Essa faculdade tem a incrível habilidade de transformar qualquer jogo em um enredo dramático.

Fizemos um irreconhecível segundo set e fomos ao *tie-break*. Todos nervosos, mas nosso técnico manteve a nossa calma e voltamos mais confiantes. Só que isso não se converteu em quadra no começo do set. Saímos perdendo de 3x0. Parecia o fim. O melhor time iria perder a grande chance de ganhar a sonhada final já no primeiro jogo, mas, depois de um tempo

técnico, botamos e a cabeça no lugar e partimos pra virada. Foi fantástico. Não iríamos perder aquele jogo de jeito nenhum.

Ganhamos de 2x1: grande festa em quadra e na arquibancada. À noite, na balada mais legal do interior, nada melhor do que comemorar uma vitória na “festeca” do JUCA. E fomos dormir para, no dia seguinte, enfrentar a Belas Artes – teoricamente um time mais fraco do que o primeiro. Porém, com a lição do primeiro jogo, entramos muito mais fortes e focados para garantir a vitória.

Não deu outra: 2x0 com muita facilidade e, para mim em especial, uma sensação indescritível, porque o saque do *match point* ficou em minhas mãos. Saquei como nunca havia sacado em meus anos de vôlei. Foi o saque da vitória, o saque que nos fez chegar a uma final depois de seis anos. Éramos o único time masculino da ECA a chegar na final do JUCA 2015.

Na final, pegamos o forte time da Metodista que voltava ao JUCA depois de um ano fora do campeonato. Entramos antes do que eles na quadra – um sinal talvez. O clima era de descontração, provavelmente para esconder a ansiedade, para muitos ali a primeira final de JUCA. Eu já havia estado em finais do JUCA por outros esportes, mas pela primeira eu entraria em quadra.

As torcidas, nas arquibancadas lotadas, viram um belo jogo de vôlei, bastante equilibrado, cheio de alternativas. Mas prevaleceu a qualidade técnica do time laranja e preto. Saímos perdendo por 2 sets a 0, mas, para nossa sorte, a final era melhor de cinco sets, e ainda poderíamos reagir. Jogando muito bem, vencemos o terceiro set, mas, infelizmente, sucumbimos no quarto e último set. Perdemos o título, a medalha de ouro não veio.

Só que ficamos felizes com a prata, porque o vôlei masculino da ECA voltou a ser um time respeitado. Saímos ainda mais fortes de Araraquara e, quem sabe em 2016, a história terá um final dourado e feliz.

Primeiros passos

Wagner Yoshihiro Higuchi

Aos 6 anos, comecei a treinar sumô por influencia do meu pai. Inicialmente como uma brincadeira. Os treinos eram aos domingos e, no início, era pura diversão. Depois a coisa foi ficando mais séria.

O sumô é um esporte tradicional japonês com fortes ligações com o Xintoísmo, ou seja, há alguns rituais e restrições ligados à religião. Tradições como jogar sal na arena para espantar maus espíritos e a proibição da participação de mulheres no esporte. A manutenção da cultura japonesa foi uma das motivações para meu pai incentivar a prática desse esporte.

Depois dos primeiros treinos, vieram os primeiros campeonatos. Eu era o maior da categoria. Todos esperavam a minha vitória, mas eu sempre perdia.

Cansada de me ver perdendo sempre, minha mãe fez um círculo no meio da sala de estar com a corda do varal e começou a me ensinar como lutar melhor. Ela dizia: “Empurra! Empurra! Pra frente! Força!”. Confesso que era mais divertido treinar com ela do que com o pessoal de domingo.

Depois dessa grande lição, melhorei meu desempenho nos campeonatos e devo muito das minhas conquistas à minha primeira treinadora.

Domingo de lutas

Yves Kenzo Minei

Domingo, dia de manifestação contra o governo da presidente Dilma. Muitos “fora Dilma!” e “PTralhas” foram berrados numa das avenida mais importante da cidade de São Paulo. Mas não no bairro da Liberdade, onde acontecia o 1º Enbukai de Karatê-dô e Kobudô de Okinawa. Por lá, só se ouvia “Kiya!”, “Hei!” e palmas do público ao fim de cada kata e bunkai apresentado pelas academias dos estilos Shorin-Ryu e Goju-Ryu.

O evento começou com uma breve explicação sobre a origem do karatê, o que não cativou muito um público basicamente de pais com suas filmadoras querendo ver seus filhos usando os karatê-gui e que achavam que karatê é karatê, não importando o estilo.

Pela reação do público, podemos destacar três acontecimentos que marcaram a tarde daquele domingo de manifestações políticas e culturais: como pais fazem de tudo para tirar foto de seus filhos de um ângulo melhor, a destreza dos mestres em cada apresentação de bunkai e a participação de um deficiente físico que não tinha os membros inferiores da escola OkinawaShorin-Ryu Karatê-dô Kobudô Shobu-kan do Brasil.

Além das apresentações de artes marciais, também houve apresentações de dança e música tradicionais de Okinawa e que estão diretamente vinculadas com o karatê e kobudô. Pudemos identificar com facilidade em cada movimento de dança, a presença de um kata. Cada arma utilizada, um objeto da vida rural que os habitantes da ilha de Okinawa usavam em seu cotidiano.

O 1º Enbukai também contou com a participação dos presidentes das federações paulistas de karatê e jornalistas japoneses especialmente convidados. Alguns políticos que fazem parte da comunidade japonesa também foram convidados para prestigiar o evento, mas esses não estavam presentes. Preferiram assistir à luta política que acontecia contra o governo atual.

Referências

- BICUDO, F. *Memórias de uma Copa do Mundo no Brasil*. São Paulo: Chiado Editora, 2014.
- BUENO, W. *Chutando prá fora*. IN MARQUES, J. C.; CARVALHO TOLEDO, V. R. & CASTRO, R. *Estrela solitária. Um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia
- ERBOLATO, M.L. *Jornalismo especializado*. São Paulo: Atlas, 1981.
- FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.
- FILHO, M. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
- FONSECA, O.J.A. *O cartola e o jornalista: a influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado]São Paulo: Eca/Usp, 1981.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HEIZER, T. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- LEVER, J. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MÁXIMO, J. *João Saldanha: sobre as nuvens da fantasia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,
- NOGUEIRA, A e NETTO, A. *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.
- NOGUEIRA, A e outros. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- NOGUEIRA, A. *Bola de cristal*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- NOGUEIRA, A. *Bola na rede*. São Paulo: José Olympio, 1974.
- NOGUEIRA, A. e outros. *O melhor da crônica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- NOGUEIRA, A. *O homem e a bola*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- NOGUEIRA, A. *Na grande área*. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1966.
- NOGUEIRA, A. *O voo das gazelas*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1991.
- PATUSKA, A. *Os reis do futebol*. São Paulo: Bentivegna, 1976.
- PROENÇA, I.C. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RODRIGUES, N. *À sobra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, N. *A pátria de chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SALDANHA, J. *Na boca do túnel*. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

SALDANHA, J. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7205-140-8



9 788572 051408

